



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**“PEQUI BOM É AQUELE CATADO NO CHÃO”:  
Cooperativas no e do Cerrado: Antropologia da  
produção alimentar em um contexto capitalista**

Bruna Letícia de Souza Lopes

Brasília/DF, julho de 2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**“PEQUI BOM É AQUELE CATADO NO CHÃO”:  
Cooperativas no e do Cerrado: Antropologia da  
produção alimentar em um contexto capitalista**

Bruna Letícia de Souza Lopes

Monografia apresentada ao  
Departamento de Antropologia da  
Universidade de Brasília como um dos  
requisitos para obtenção do grau de  
Bacharel em Ciências Sociais, com  
habilitação em Antropologia.

Banca Examinadora:  
Prof. Yago Triana (DAN/UnB) – Orientador  
Ana Paula Jacques (IFB) – Avaliadora

Brasília  
2024

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, parte fundamental de quem eu sou, à minha mãe Laudiene por não ter desistido apesar de todos os sufocos e dificuldades que passamos durante minha graduação. Aos meus irmãos: Bárbara, Matheus, Lucas, Sarah, João Paulo, Maria Paula, Emmanuel, Isabela e Bernardo, pela paciência nos meus momentos de surto e estresse e por estarem sempre ali. Às minhas avós Neiva e Josefa, por serem grandes mulheres, mas principalmente por todos os momentos que compartilhamos dentro de suas cozinhas. Agradeço também à minha segunda família: Paulo, Natércia, Amanda e Manoela, por me permitirem entrar no lar de vocês e me dar uma segunda casa.

Às minhas amigas dos tempos de escola: Karyne, Evelyn, Emily e Isadora, por todo o apoio e presença dos últimos 11 anos, obrigada por ainda serem uma parte significativa da minha vida. Ao meu colega de curso João Beto, por fazer eu sentir que não estava sozinha. Agradeço ao Mateus, pela série de delírios e diversos e-mails que compartilhamos e à minha amiga Mariana por me aceitar e amar exatamente do jeito que sou.

Nascida e criada em Brasília para mim o Cerrado sempre foi estático e distante, apenas o cenário de fundo, uma paisagem. A cozinha e a gastronomia me apresentaram a potência carregada por esse rico, diverso e colorido ser, que alimenta comunidades, culturas e tradições. Agradeço ao meu “eu” cozinheira que me apresentou concretamente esse bioma. Agradeço à Marcela, ao Sávio e à Andressa colegas do IFB, mas principalmente meus companheiros de cozinha. Agradeço também à Ana Paula Jacques, professora e mentora, por ter sido crucial na construção do meu eu cozinheira.

Gostaria de agradecer ambas às cooperativas que me receberam e possibilitaram que o trabalho de campo fosse realizado. Agradeço às cooperadas e funcionárias da COPABASE: Dionete, Cristina, Mônica, Eliane e Andreia pela abertura e cordialidade. Agradeço também a todos da Central do Cerrado: Luis, Lelé, Ildete, Ana, Alex, Denis, Giovana, Márcia, Márcio e Marcus, por todas as atividades que realizamos juntos, pelas conversas e por me permitirem entrar no espaço da Central.

Agradeço ao meu orientador, Yago Quiñones Triana, por aceitar essa empreitada, por todas as ideias e sugestões e por entender todos os meus momentos de desaparecimento temporário.

Por fim, agradeço meu noivo Lucas Lage Guida, quem esteve do meu lado em todas as etapas dessa caminhada. Por ter me apoiado e me ajudado a superar as imensas dificuldades que surgiram nesse longo caminho, mas principalmente por me inspirar a ir sempre além.

## RESUMO

O movimento cooperativista surgiu na primeira metade do século XIX como uma nova forma de organização da produção fundamentado em ideais socialistas. Esse movimento ganhou força no Brasil no século XX, no mesmo período houve o estabelecimento do agronegócio na região central do país, que vem provocando um desmatamento crescente no Cerrado. Como forma de entender a dinâmica existente entre produção alimentar, cooperativismo e Cerrado foi realizada uma etnografia com duas cooperativas ligadas diretamente a produção de alimentos do Cerrado. A pesquisa de campo foi realizada no Vale do Urucuia com a COPABASE e no Distrito Federal com a Central do Cerrado. Foi observada a cadeia produtiva, desde o processo de beneficiamento até a comercialização dos produtos extrativistas do Cerrado. Observou-se que as cooperativas representam uma forma de resistência para as comunidades e povos do Cerrado na luta contra o avanço do modelo agroindustrial na região. Apesar de o movimento cooperativista atual não ter características revolucionárias ele ainda consiste numa ferramenta a grupos marginalizados e alternativa ao sistema econômico. Isso se deve as práticas claras e definidas pautadas em um forte senso de comunidade e integração ao meio ambiente.

Palavras-chave: Cerrado, extrativismo, cooperativas, produção alimentar

## **ABSTRACT**

The cooperative movement emerged in the first half of the 19th century as a new form of production organization based on socialist ideals. This movement gained strength in Brazil in the 20th century, in the same period there was the establishment of agribusiness in the central region of the country, which causes an increasing deforestation in the Cerrado. As a form of understanding the dynamics between food production, cooperativism and the Cerrado, an ethnography was carried out with two cooperatives directly linked to food production in the Cerrado. Field research was carried out in the Vale do Urucuia with COPABASE and in Distrito Federal with Central do Cerrado. The production chain was observed, from the processing to the commercialization of extractive products from the Cerrado. It should be noted that cooperatives represent a form of resistance for the communities and people of the Cerrado in the fight against the advancement of the agro-industrial model in the region. Although the current cooperative movement does not have revolutionary characteristics, it is still a tool for marginalized groups and an alternative to the economic system. This is due to clear and defined practices based on a strong sense of community and integration with the environment.

Keywords: Cerrado, extractivism, cooperatives, food production

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Área de cobertura de atuação da COPABASE.....	31
Figura 2 – Barú <i>in natura</i> .....	35
Figura 3 – Guilhotina.....	35
Figura 4 – Barú armazenado em contêiner de congelamento.....	36
Figura 5 – Seleção de castanha de barú.....	36
Figura 6 – Castanha de barú em embalagens de 100g.....	37
Figura 7 – Encontro assentamento Carlos Lamarca.....	39
Figura 8 – Encontro assentamento Oziel II.....	42
Figura 9 – Encontro assentamento Oziel I.....	43
Figura 10 – <i>Showroom</i> Central do Cerrado em Sobradinho.....	45
Figura 11 – Área de expedição no galpão da Central.....	47
Figura 12 – Salgados servidos no <i>coffee break</i> .....	48
Figura 13 – Proposta de cardápio oferecido pela Central do Cerrado.....	49
Figura 14 – Sucos de coquinho-azedo e goiaba, sanduiche de pesto de barú, doce de umbu e frutas servidos no <i>coffee break</i> .....	50
Figura 15 – Prateleira da Central em mercado de varejo.....	51
Figura 16 – Denis e Lelé servindo degustação de produtos oriundos do barú.....	52
Figura 17 – Polpa de pequi.....	53
Figura 18 – Degustação de produtos da Central do Cerrado em mercado de varejo.....	55

## LISTA DE SIGLAS

ACAPPM - Associação Comunitária dos Artesãos e Pequenos Produtores Rurais de Mateiros  
CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil  
Coban - Correspondente Bancário  
COOBAY - Cooperativa Kayapó de Produtos da Floresta  
COOPAESP - Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis  
COOPERBAC - Cooperativa Mista dos Cafeicultores de Barra do Choça e região  
COOPERCUC - Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá  
CooperSabor - Cooperativa Regional de Agricultores/as Familiares e Extrativistas da Economia Popular e Solidária  
COOPES - Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina  
COPABASE - Cooperativa Regional de Base na Agricultura Familiar e Extrativismo  
EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural  
Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura  
FLV - Frutas, Legumes e Verduras  
FesPIM - Feira de Sustentabilidade do Polo Industrial de Manaus  
Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ICA - International Cooperative Alliance  
ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços  
IDESAM - Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas  
IEB - Instituto Internacional de Educação do Brasil  
IFB - Instituto Federal de Brasília  
IFNMG - Instituto Federal do Norte de Minas Gerais  
Incrá - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza  
MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
MapBiomás - Projeto de Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo do Brasil  
MATOPIBA - Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia  
ONG - Organização Não Governamental

PGPM - Política de Garantia de Preços Mínimos

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

Polocentro - Programa de Desenvolvimento dos Cerrados

PrevFogo - Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais

Prodecer - Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento Agrícola da Região dos Cerrados

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PPPECOS - Promoção de Paisagens Produtivas Ecosociais

Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SIA - Setor de Indústria e Abastecimento

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 O CERRADO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 O AGRONEGÓCIO.....</b>	<b>15</b>
<b>3 O EXTRATIVISMO .....</b>	<b>21</b>
<b>4 O COOPERATIVISMO .....</b>	<b>25</b>
<b>5 AS COOPERATIVAS.....</b>	<b>30</b>
<b>5.1: COPABASE .....</b>	<b>31</b>
<b>5.2: Central do Cerrado .....</b>	<b>44</b>
<b>5.3: As cooperativas, o cooperativismo e o capital.....</b>	<b>56</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

As cooperativas adquiriram uma grande importância no contexto de produção alimentar no Brasil a partir do governo de Getúlio Vargas, se tornando uma importante forma de organização social da produção (Chase, 2003). Nesse contexto o Cerrado se torna o bioma mais relevante na produção alimentar nacional, chegando ao título de bioma mais desmatado no Brasil (MapBiomas, 2024). Assim a interação entre cooperativas, Cerrado e formas alternativas de produção surgem como um ponto relevante quando discutimos a preservação do bioma.

Este trabalho visa estudar as cooperativas que atuam dentro do bioma Cerrado, para entender a presença de modelos alternativos de produção e consumo que levam em conta aspectos da sociobiodiversidade na sua cadeia produtiva, como forma também de compreender como essas organizações se relacionam com a lógica do atual sistema econômico. Seriam as cooperativas um meio alternativo e viável de produção dos alimentos do e no Cerrado? O problema que este trabalho visa abordar é a partir da produção alimentícia, a distribuição e comercialização dos produtos advindos do Cerrado nas cooperativas como oposição à lógica hegemônica de produção alimentar.

O trabalho foi dividido em três etapas. Primeiramente foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a produção alimentar no Cerrado, o cooperativismo e formas de produção alimentares alternativas, além disso foi feito o levantamento dos dados sobre o desmatamento na região e indicadores carregados pelo agronegócio e segurança alimentar no Brasil, o que contribuiu para a escolha dos locais de realização da pesquisa de campo. A segunda etapa caracterizada pela pesquisa de campo foi realizada no período de três semanas, dividida entre o município de Arinos em Minas Gerais e Sobradinho no Distrito Federal, onde foi acompanhado o trabalho das cooperativas COPABASE e Central do Cerrado. Após a coleta de dados foi realizada a etapa de análise, onde foram analisados os dados coletados e confrontadas as observações realizadas com a literatura.

A monografia acabou assim sendo dividida em 6 capítulos. O primeiro capítulo aborda o Cerrado, descrevendo suas características físicas, ecológicas e a relação entre seu desmatamento e a presença do agronegócio. O segundo capítulo aborda o estabelecimento do agronegócio no território, discutindo as teorias demográficas, a Revolução Verde, os programas de desenvolvimento agrícola no Cerrado e a questão da insistente insegurança alimentar no Brasil apesar do avanço da fronteira agrícola. O terceiro capítulo apresenta o extrativismo como forma de

produção e o seu desenvolvimento histórico. Neste capítulo ainda são abordados os trabalhos de Sahlins, que discutem a eficiência do método de produção caçador-coletor, é discutido também a relação entre diversidade dos modos de produção alimentar e variabilidade do consumo alimentar com a manutenção da biodiversidade.

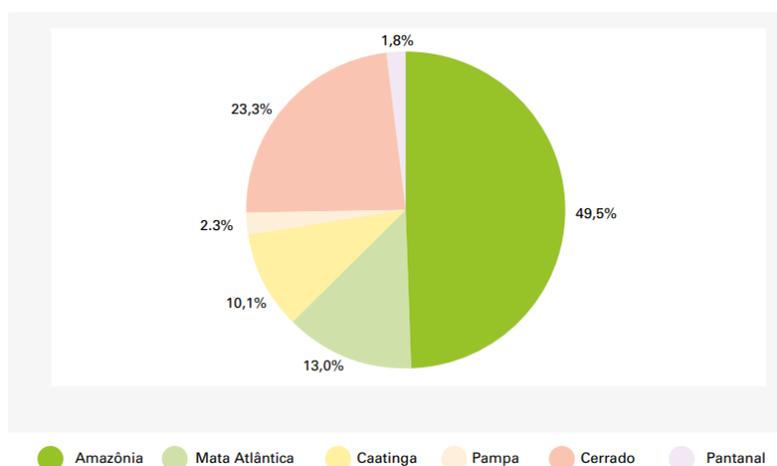
O quarto capítulo trata do surgimento do cooperativismo e como ele se desenvolveu historicamente, desde um movimento político até um modelo de organização econômica, incluindo as ambiguidades inerentes a este modelo. No quinto capítulo é abordado o trabalho de campo, com as observações gerais. A primeira parte do campo na COPABASE se dá na sede onde está localizada a fábrica e é realizado o processamento alimentar, foi realizada também visita em 3 assentamentos na região. A segunda parte se deu na Central do Cerrado onde foram observadas as principais atividades dessa organização, desde o processamento alimentar até a comercialização de produtos, realização de eventos e degustações. O capítulo é encerrado com uma discussão da ambiguidade encontrada no cooperativismo e na relação com o mercado, a partir das observações feitas em campo nas cooperativas é discutida a relação entre as cooperativas, o cooperativismo e o capitalismo. O último capítulo consiste nas observações finais.

## CAPÍTULO I

### O CERRADO

O Cerrado ocupa 1.983.017 km<sup>2</sup> e corresponde a aproximadamente 24% do território nacional (IBGE, 2019), sendo o segundo em extensão, está presente em 12 estados e no Distrito Federal, é o único bioma que possui área de contato com todos os outros biomas nacionais e que está presente nas cinco grandes regiões do país. O Cerrado destaca-se como a savana de maior biodiversidade global, abrigando uma vasta gama de tipologias vegetais e uma flora excepcionalmente rica, compreendendo mais de 10.000 espécies de plantas, colocando-o na seleta lista de “*hotspots*” da biodiversidade. Em 1988 o ambientalista Norman Myers conceituou um *hotspot* a partir de duas características: “a) apresentam concentrações excepcionais de espécies com níveis excepcionais de endemismo, e que, b) enfrentam graus excepcionais de ameaça.”<sup>1</sup> (Myers, 1988, pg. 187, tradução nossa). A partir do conceito de *hotspot* é possível identificar as áreas que necessitam de maior atenção na sua preservação, pois concentram uma porção considerável da biodiversidade mundial e se encontram sobre maior ameaça. A lista de *hotspots* é formada hoje por apenas 36 biomas ao redor do mundo, onde constam dois brasileiros, a Floresta Atlântica e o Cerrado (Mittermeier, 2004).

Gráfico 1 - Área ocupada por bioma em relação à área territorial do Brasil

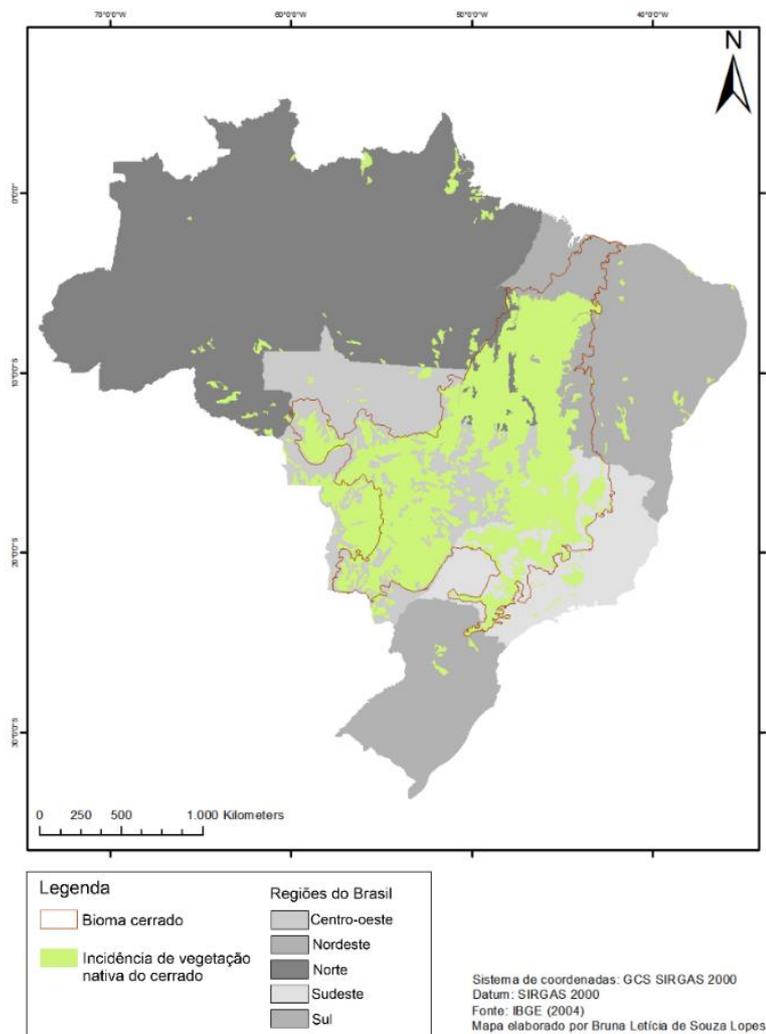


Fonte: IBGE, 2019

<sup>1</sup> “a) feature exceptional concentrations of species with exceptional levels of endemism, and that, b) face exceptional degrees of threat.” (Myers, 1988, pg. 187)

Ao fazer o levantamento das características hidrográficas da região Lima e Silva (2007) apontam a evidente importância que o Cerrado possui, contribuindo em oito das doze grandes regiões hidrográficas ele se caracteriza como fundamental para a produção hídrica no território brasileiro. Os autores pontuam que apesar do Cerrado possuir apenas 14,6% da produção hídrica superficial como ele ocupa as partes mais altas das bacias hidrográficas efeitos sobre seus recursos hídricos podem se espalhar por uma grande área do território do Brasil, gerando consequências no fornecimento hídrico de uma parcela considerável do território

Mapa 1 - Distribuição do bioma e vegetação do Cerrado<sup>2</sup>



<sup>2</sup> Mapa elaborado pela autora a partir de dados do IBGE (2004)

O Cerrado manteve-se quase inalterado até a década de 1950, mas apesar da sua relevância biológica e hídrica a partir da década de 1960, a cobertura vegetal natural cedeu lugar à pecuária e a agricultura intensiva. O IBGE (2016) estima que 57% do território do Cerrado tenha sido desmatado e modificado onde entre 2000 e 2014 foram desmatados 963 milhões de hectares no Cerrado, o equivalente à área do estado de Pernambuco. Entre 2000 e 2018 a sua área natural foi reduzida em 152.706 Km<sup>2</sup>, o equivalente a mais de 12% da região, com um aumento de 44,3% nas áreas antropizadas. Hoje se encontra na sua área 44,6% da produção agrícola do país, sendo responsável pela produção de 60% da soja, 59% do café, 44% do milho e ainda 55% da produção nacional de carne bovina. (IBGE, 2020)

Carneiro e Costa (2016) ao realizarem um levantamento sobre o cultivo da soja no Cerrado apontaram que 90% da agricultura na região é referente ao cultivo da soja sobrando apenas 10% para o cultivo de outras culturas. Eles apontaram que a área agrícola no Cerrado expandiu 87%, com 70% das alterações de uso da terra em pastagem e agriculturas, o principal fator levantado foi o cultivo da soja, que aumentou 108% no período.

Rudorff e Risso (2022) observaram a presença da cultura da soja no bioma entre os anos 2000 e 2022, através de uma análise geoespacial, foi observado que a soja triplicou sua área cultivada ao longo dos últimos 21 anos, passando de 7,43 milhões de hectares em 2000 para 21,43 milhões de hectares em 2022, essa área representa quase 11% do bioma e 51,7% da atual área de soja do Brasil. Esse estudo reforçou o dado de que o bioma possui aproximadamente 50% de vegetação nativa, cercado pelo avanço do crescente agronegócio brasileiro que acelerou a produção na região, condição favorecida pelo preço da soja, provocando um acréscimo na área plantada de 1.172 mil em 2020 para 1.470 mil ha em 2021, acima do crescimento médio dos últimos 21 anos levantados. Quando é observada apenas a região do MATOPIBA o crescimento da área de soja teve um aumento superior a 5 vezes, fazendo com que a participação dessa região na área cultivada com soja no Cerrado passasse de 13% para 24%.

## CAPÍTULO II

### O AGRONEGÓCIO

No final do século XVIII foi apresentada a teoria demográfica de maior impacto nos meios acadêmico, econômico e político, se tornando conseqüentemente a mais popular, a Teoria Malthusiana, ela surgiu da preocupação sobre os problemas sociais que assolavam a população britânica após a revolução industrial, sendo eles o desemprego, o êxodo rural e principalmente a fome (Silva, 2015). De acordo com Malthus a explicação para esse último problema seria o descompasso causado na relação crescimento populacional e produção alimentar, onde o crescimento da população acontecia a partir de uma progressão geométrica enquanto a produção alimentar crescia em progressão aritmética. Apesar de inúmeros problemas e falhas, ligados à coleta de dados e limitação local, assim como a não previsão das mudanças causadas pela industrialização, urbanização e aplicação de novas tecnologia à agricultura, a teoria malthusiana influenciou fortemente como a questão da fome seria pensada em todo o decorrer do século XX (Silva, 2015).

“O aumento na produção alimentar dificilmente acompanhará o crescimento populacional”<sup>3</sup> (FAO, 1950, pg. 5, tradução nossa) é com essa afirmação que se inicia o relatório da Quinta Conferência da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, apontando como o medo de um possível cenário mundial de escassez alimentar foi potencializado após as duas guerras. Foi nesse momento que o debate sobre a questão da fome e crescimento populacional foi novamente levantado, surgindo assim uma nova teoria, a neomalthusiana (Desrochers; Hoffbauer, 2009). Nesse novo formato a responsabilidade das taxas de fome e desigualdade apontados no contexto mundial foi colocada sobre os países do chamado terceiro mundo, que pelo seu considerável aumento populacional não conseguiam manter uma renda per capita adequada e puxavam os indicadores internacionais para baixo. Novamente à questão da fome foi atribuída uma justificativa populacional. (Silva, 2015). Um nome significativo da teoria neomalthusiana foi Paul Ehrlich, ao lançar em 1968 seu livro “*The Population Bomb*” propagou as teorias populacionais neomalthusianas de forma alarmista com um apelo emocional e

---

<sup>3</sup> “*The increase in food crop production will barely keep pace with population growth*” (FAO, 1950, pg. 5)

influenciou políticas públicas e movimentos ambientalistas ao redor do mundo (Desrochers; Hoffbauer, 2009).

Nesse contexto de medos e receios sobre a capacidade produtiva alimentar mundial surgiu uma tábua de salvação, a Revolução Verde, um pacote tecnológico que iria revolucionar o modelo de produção agrícola no mundo inteiro, garantindo o aumento da produção, conseqüentemente o fim da fome (Zambenedetti et al., 2021). A Revolução Verde teve seu início nos anos 60, utilizado até hoje, esse modelo é composto por uma série de elementos, os dois primeiros e principais são as sementes transgênicas e os agrotóxicos. Com a transmutação provocada nas sementes as plantas se tornavam mais resistentes ao ambiente, mais produtivas e padronizadas. Como solução às pragas que assolavam as plantações foram utilizados diversos agrotóxicos, garantindo a preservação do alimento a nível produtivo e estético. Além do melhoramento genético e uso de agrotóxicos outros elementos foram adicionados a esse novo sistema, como o uso de pivô central para irrigação, mecanização dos processos e uso de corretivos para o solo. As características presentes no modelo de produção do contexto fabril foram expandidas ao meio agrícola, possibilitando uma produção de monocultura padronizada e em grande escala, diminuindo assim a influência de fatores ambientais nas práticas agrícolas. Esse novo formato remodelou as relações produtivas e de consumo alimentares em todo o mundo (Zambenedetti et al., 2021).

Em estudo realizado por funcionários da Embrapa foi apontado ainda que o mercado agrícola no Brasil reforça a concentração de renda, privilegiando cada vez mais as grandes empresas enquanto cria barreiras para um pleno desenvolvimento de pequenos agricultores (Alves et al., 2018). Foi explicado por Alves que isso se dá em razão da volta do mercado para o cenário externo, ou seja, a produção agrícola hoje tem sido usada como ferramenta fundamental nas relações econômicas internacionais e como peso principal na balança comercial brasileira. Quando são observados os dados dos municípios que representam polos agrícolas regionais a desigualdade se expande, sendo esse um fenômeno migratório causado pela presença de grandes empresas em determinadas regiões. Onde apesar de gerar uma maior oferta de empregos a concentração de renda é maior, com o índice de Gini acima da média nacional, e as condições de moradia de uma grande parte da população são precárias, pois a infraestrutura desses municípios é voltada principalmente a produção agrícola deixando as necessidades básicas da população em

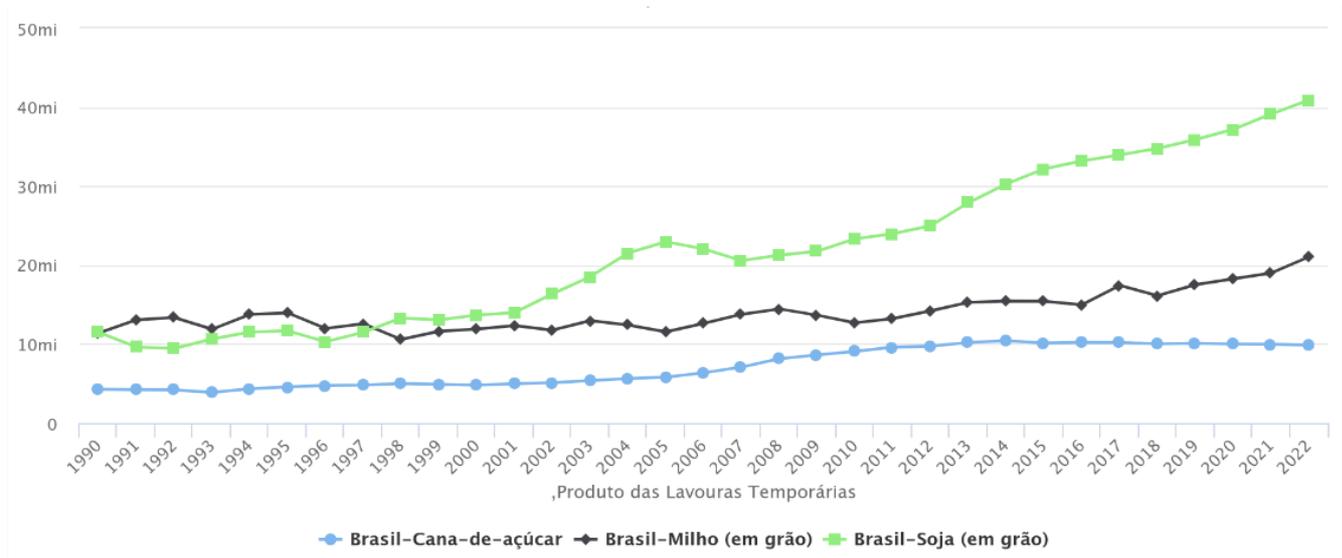
segundo plano e puxando os indicadores de desenvolvimento humano para baixo (Frederico, 2011).

A agroindústria foi assim se instaurando como modelo produtivo tecnicamente superior, Moreira (2000) contextualiza historicamente a Revolução Verde no Brasil e demonstra seu potencial centralizador ao apresentar suas características.

“esta produção industrial adquiriu a forma dos pacotes tecnológicos da Revolução Verde e, no Brasil, assumiu – marcadamente nos anos 60 e 70 – a prioridade do subsídio de créditos agrícolas para estimular a grande produção agrícola, as esferas agroindustriais, as empresas de maquinários e de insumos industriais para uso agrícola – como tratores, herbicidas e fertilizantes químicos –, a agricultura de exportação, a produção de processados para a exportação e a diferenciação do consumo – como de queijos e iogurtes” (Moreira, 2000, p. 44)

Teixeira (2022) defende que a Revolução Verde não apenas centraliza a produção, mas que esse modelo apesar de produzir alimentos gera na verdade fome e insegurança alimentar, em razão do número restrito de alimentos produzidos e do seu baixo nível nutricional, esses alimentos são ainda carregados de produtos químicos que geram consequências à saúde humana.

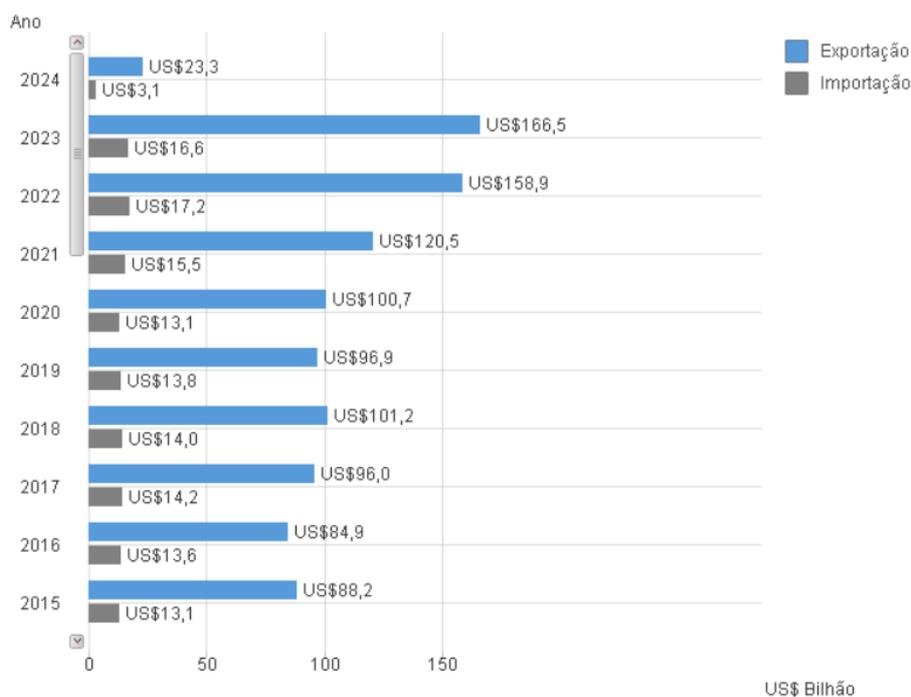
Gráfico 2 – Área colhida lavouras temporárias (hectares), 1990 - 2022



Fonte: IBGE, 2022

Apesar da instauração do agronegócio na região, quando observamos os dados de produção em comparação com a alimentação nacional a relação pressuposta entre agronegócio e segurança alimentar não ocorre. No relatório “*The State of Food Security and Nutrition in the World 2023*” da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (2024) o número de pessoas em situação de insegurança alimentar no Brasil sofreu um aumento de 86% em 2022 em comparação com o ano de 2014. Nesse mesmo período a área de produção da soja aumentou em mais de 10 milhões de hectares e a de milho cresceu aproximadamente 5 milhões de hectares (IBGE, 2022). Ao analisar o contexto de produção alimentar no país, onde a cada ano a fronteira agrícola se expande e a capacidade produtiva aumenta em conjunto com os dados de insegurança alimentar da população o agronegócio se mostra longe de ser o responsável pela garantia de alimentação da população. Para entendermos como o país com um dos maiores sistemas agrícolas do mundo abriga 70 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar é necessário olharmos para a balança comercial do agronegócio brasileiro, que nos últimos 9 anos teve um aumento de 88% nas exportações.

Gráfico 3 – Balança Comercial do Agronegócio – Série Histórica



Fonte: MAPA Agrostat, 2024

Mesmo as pessoas possuindo acesso aos alimentos a lógica de monocultura gera déficits alimentares e nutricionais, onde dos 45 mil tipos de produtos presentes nos supermercados 25% possuem milho na sua composição e 30 espécies de plantas cultivadas são consideradas as principais culturas que alimentam o mundo, sendo que apenas três destas espécies fornecem quase 50% do consumo mundial de calorias, sendo o arroz, o trigo e o milho (Liberalesso, 2019).

O Cerrado entra como um personagem fundamental nesse contexto, ele foi o bioma escolhido no Brasil como o local para receber a nova e crescente agroindústria. Isso ocorreu a partir de uma série de políticas públicas implementadas pelo governo federal, um dos principais foi o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro), implementado entre os anos de 1975 e 1984, ele foi responsável pelo financiamento de estradas, armazéns, assistência técnica e extensão rural, além de subsídios voltados à pesquisa e financiamento de crédito rural. Além do Polocentro outros incentivos foram a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), de 1966 e o Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento Agrícola da Região dos Cerrados (Prodecet), de 1974. Também nesse período o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) realizou a comercialização de grandes extensões de terra como forma de expansão agrícola na região. Duas outras empresas estatais que tiveram grande influência nesse cenário foram a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e as Empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), responsáveis por garantir a implementação de um pacote tecnológico que se adaptasse as características da região (Parreiras e Bolfe 2023).

Silva (2006) ao analisar os programas de desenvolvimento agrícola no Cerrado entre os anos 70 e 90, afirma que o papel de se tornar a casa da produção agrícola no país está diretamente ligado ao viés depreciativo que segue o bioma, continuamente visto como um vazio populacional e econômico. Podemos perceber essa depreciação do Cerrado no trabalho de Mario Guimarães Ferri, pesquisador e pioneiro ecólogo no país foi um grande estudioso e desenvolveu diversos trabalhos sobre as características do bioma, porém no seu trabalho Ecologia do Cerrado Ferri coloca:

[...] temos afirmado que um dos maiores méritos do programa Polocentro, foi desviar da Amazônia para o cerrado. Ao menos em parte, a exploração agropecuária. Os ecossistemas do cerrado são, sem dúvida, menos frágeis que os da Amazônia. Melhor, pois, começar a exploração agropecuária no Cerrado. Enquanto isso, podem se desenvolver pesquisas que nos ensinem como utilizar de modo racional a Amazônia, sem que ela venha a sofrer os mesmos riscos que hoje. Assim poderemos usufruir de suas riquezas e ao mesmo tempo preservar, para gerações futuras, esse inestimável patrimônio que nos legou a Natureza. (Ferri, 1979, pág. 55)

A simples escolha de utilizar uma letra minúscula ao nominar o Cerrado, contrário do que faz com a Amazônia, aponta a visão que Ferri tinha do bioma, colocando sua afirmação como um exemplo claro de como o Cerrado foi visto no contexto de estabelecimento da produção agrícola nacional. Ribeiro (2005) aponta também que isso é causa da imagem construída sobre o bioma da vegetação apresentada como rala e torta, uma terra vazia e sem beleza, logo, sem utilidade, desprovida de valor social, econômico ou ecológico. Essa linha de pensamento foi o que incluiu a Mata Atlântica e Amazônia na Constituição de 1988 como patrimônios nacionais enquanto o Cerrado foi desmatado e queimado para plantação de grandes monoculturas voltadas para a exportação. Essa lógica se mantém até hoje, onde apesar do debate sobre mudanças climáticas e desmatamento, o governo nacional comemora a diminuição do desmatamento na Amazônia enquanto ignora as consequências que o agronegócio tem causado no Cerrado nos últimos 50 anos.

### CAPÍTULO III

#### O EXTRATIVISMO

O extrativismo, de forma simples, é um método de produção de bens no qual os recursos naturais são extraídos diretamente do seu ambiente natural. Como não há a necessidade de grandes intervenções prévias, pois ela ocorre a partir dos ciclos biológicos, o extrativismo se diferencia significativamente das outras formas de produção. Nela relação com o meio e a percepção sobre os processos biológicos são aspectos fundamentais, onde é crucial desenvolver práticas de manejo adequadas para garantir a reprodução das espécies, depois disso o contato com o produto se dá apenas com o fim do processo biológico e a cadeia produtiva é reduzida significativamente. Os produtos são coletados, recolhidos ou extraídos e então já passam para a próxima etapa de processamento, em comparação com a produção agrícola até a etapa de colheita uma série de processos são realizados (Melo, 2013).

Porém historicamente o extrativismo foi visto como um método de produção arcaico e insuficiente. Para a abordagem evolucionista ele faz parte do modelo que é denominado como “caçador-coletor”, onde os grupos se utilizam da coleta ao invés da agricultura e da caça em oposição ao pastoreio e criação de animais. A questão para essa abordagem, entretanto não é a escolha do uso de um método ao invés do outro, mas sim a superioridade de um em relação ao outro, nesse caso a superioridade da produção agrícola sobre as práticas extrativistas.

Em “*The Original Affluent Society*” Sahlins (2017) realiza uma análise do sistema econômico de produção de grupos caçadores-coletores em comparação com a produção alimentar agrícola. Sahlins argumenta que a abordagem econômica clássica e a definição dos seus pressupostos excluem uma série de práticas e modos de vida, para realizar de forma plena a análise de outros modos de produção vistos pelos estudos econômicos como primitivos Sahlins utiliza o termo “sociedade afluyente”, sendo a sociedade na qual as necessidades dos seus indivíduos possam ser facilmente satisfeitas, seja produzindo muito, seja desejando pouco. O autor pontua também o uso do termo “economia de subsistência”, geralmente empregado para as práticas caçadores-coletores, esse termo possui um caráter pejorativo que coloca esses grupos em condições mínimas de existência ligados a sobrevivência.

Através do levantamento e análise da quantidade de horas empregadas nas práticas produtivas Sahlins (2017) demonstra que o trabalho que um caçador-coletor emprega na

produção alimentar não excede a quantidade necessária na produção agrícola, ele aponta ainda que em contextos caçadores-coletores na verdade é necessária uma quantidade de horas de trabalho menor para a manutenção do número de calorias necessárias do que em contextos em que a agricultura é utilizada. O autor ainda vai além e traz uma série de questões ligadas a utilização de um modelo único de produção, onde não só a quantidade de horas de trabalho é afetada, mas também os hábitos de consumo, a delimitação de dietas e as possibilidades alimentares são influenciadas, demonstrando que existem vantagens e possibilidades na variação dos modelos produtivos empregados, questionando a imposição e efetividade do agronegócio como prática única de garantia e manutenção da segurança alimentar.

Observando essa lógica a diminuição da diversidade dos modos de produção implica na diminuição da diversidade do consumo alimentar, a partir da restrição da variedade de alimentos produzidos (Sahlins, 2017). No contexto atual, onde o agronegócio representa uma das maiores indústrias do mundo, 30 espécies de plantas cultivadas são consideradas as principais culturas que alimentam o mundo, sendo que apenas três destas espécies fornecem quase 50% do consumo mundial de calorias, sendo o arroz, o trigo e o milho (Liberalesso, 2019). A partir desses dados a necessidade da descentralização da produção alimentar se apresenta como necessária, de forma a considerar os diferentes ambientes, possibilitando o acesso pleno à produção agrícola para agricultores e consumidores.

O modo de produção utilizado e massificado pelo agronegócio nacional deixa claro que diversidade não é um aspecto que interessa a essa indústria. Sua presença crescente no Cerrado a partir da segunda metade do século colocou o bioma hoje na posição de bioma mais desmatado do país, superando em 2023 o forte desmatamento que já sofre a Amazônia. Com 1.110.326 de hectares desmatados no ano de 2023 o Cerrado sozinho representou 60,7% de todo o desmatamento do país no ano, em relação a 2022 houve ainda um aumento de 67,7% no desmatamento da região, dado considerável visto que o desmatamento no país diminuiu 11,6% entre os anos de 2022 e 2023. Em comparação com o outro *hotspot* ambiental presente no país, a Mata Atlântica, entre os anos de 2022 e 2023 houve no bioma uma diminuição de 59,6 % do desmatamento (MapBiomias, 2024). Esses dados apontam que o Cerrado apesar de representar uma clara fonte de rica diversidade ambiental e da sua significativa relevância hídrica não representa interesse na sua manutenção.

Um ambiente com uma maior biodiversidade está menos vulnerável a desestabilidade

ecológica, a manutenção da biodiversidade proporciona diversos benefícios na manutenção dos ambientes além disso, exige que sejam feitas menos interferências humanas para a manutenção das espécies (Bookchin, 1964). Como apontado por Moreira (2000) e Teixeira (2022) a própria existência do modelo de produção e consumo atual prevê a diminuição da diversidade, não só biológica, mas de modos de vida. As práticas de produção apontadas pelas autoras centralizam e hegemonomizam a produção, de forma que os diversos aspectos que cercam as práticas de produção alimentar sirvam unicamente a reprodução de uma forma de vida e possibilidade de consumo. A partir do direcionamento da produção aos interesses do sistema econômico vigente questões ligadas a propriedade da terra, relação com a natureza, formas de produção e diversidade alimentar são diretamente afetadas.

Apesar da necessidade clara de uma mudança no modelo produtivo utilizado, o extrativismo encontra diversas dificuldades na sua prática, implementação e inserção no mercado. Melo (2013) ao fazer o levantamento de práticas extrativistas no Cerrado apresenta uma série de desafios que essa atividade enfrenta. Entre os obstáculos estão dificuldades na programação da produção, variações na quantidade de frutos e a dispersão geográfica das frutíferas. No âmbito comercial, há falta de conhecimento do mercado sobre o valor nutritivo e social dos produtos do Cerrado, a necessidade de estabelecer preços justos que reconheçam tanto o esforço físico quanto a produção sustentável. Sendo necessário organizar a atividade para melhor integração com os mercados e aumentar o apoio público ao agroextrativismo.

Apesar desses desafios, o extrativismo de recursos vegetais no Cerrado possui um grande potencial, praticado pelos extrativistas junto com outras atividades como a agricultura diversificada e a criação de animais, surge como uma alternativa e estratégia eficaz, beneficiando as dimensões econômica, social e ambiental. Essa prática aumenta e diversifica as fontes de renda, gera empregos e dinamiza a economia local. Além de valorizar os modos de vida tradicionais das comunidades e povos, privilegiando uma racionalidade não mercantil, de autossuficiência, que utiliza o conhecimento integrado e a gestão familiar. Por fim, contribui significativamente para a conservação da biodiversidade do Cerrado como forma efetiva de oposição ao modelo de produção empregado massivamente (Melo,2013).

Sahlins (2017) define uma sociedade afluyente como aquela em que as necessidades podem ser facilmente satisfeitas, seja produzindo muito, seja desejando pouco, ao observarmos a realidade alimentar atual mesmo com a Revolução Verde o modo de produção não consegue

suprir as necessidades básicas de uma grande parcela da população, seja na garantia de acesso ao alimento ou no acesso a uma alimentação diversificada e de qualidade. O modelo de mercado atual pelo contrário estabeleceu uma institucionalização da escassez, prejudicando não só as pessoas, mas a biodiversidade. O funcionamento de diferentes modelos de produção concomitantemente, realizando de forma efetiva a descentralização da produção expande as diferentes respostas às questões alimentícias e ambientais.

## CAPÍTULO IV

### O COOPERATIVISMO

No código civil brasileiro uma cooperativa é uma sociedade formada por no mínimo 20 pessoas, que deve ser gerida de forma democrática e participativa a partir de objetivos sociais e econômicos comuns. Até o final de 2022 a Organização das Cooperativas do Brasil (2023) havia registrado 4.693 cooperativas, com mais de 20 milhões de cooperados e um total de 524.235 empregados. As cooperativas são divididas em sete categorias: agropecuário, consumo, crédito, infraestrutura, saúde, serviços e transporte. Apenas a categoria agropecuária representa 25% das cooperativas, com mais de um milhão de cooperados é responsável por quase 250 mil dos 500 mil empregados.

O cooperativismo se apresenta assim como um movimento econômico considerável, mas qual seria seu lugar nas relações econômicas do atual sistema? Até onde é possível ir com os objetivos sociais e econômicos em comuns que uma cooperativa possui visto que sua inserção em um sistema capitalista, pautado em valores individuais, estabeleceria limitações para os objetivos que uma cooperativa pode almejar. Qual seria então a definição mais concreta da relação que uma cooperativa possui com o sistema atual?

O Cooperativismo hoje é entendido a partir de uma noção moderna, como consequência de um processo histórico, econômico e político. A partir do século XVIII com a Revolução Industrial e as condições precárias de trabalho uma série de movimentos trabalhistas e operários surgiu, entre eles a criação de cooperativas (Costa, 2007). Diversas cooperativas foram fundadas nesse contexto, com diferentes objetivos e em diferentes localidades, geralmente pautadas sobre ideias socialistas buscavam a autonomia do trabalhador em diversos aspectos. Entre as cooperativas fundadas nesse contexto uma delas se destaca, a *Rochdale Equitable Pioneers Society*, ou Pioneiros de Rochdale (Fairbairn, 1994).

Os Pioneiros de Rochdale foram uma cooperativa de consumo fundada na cidade inglesa Rochdale em 1844. Para garantir suas necessidades de consumo básicas 28 operários, que buscavam independência dos preços abusivos e juros de comerciantes, fundaram uma loja com um pequeno estoque de manteiga, açúcar, farinha, aveia e velas, comprado com o capital inicial de 16 libras (Fairbairn, 1994). O sucesso e expansão da cooperativa atrelada aos seus valores e princípios fortemente defendidos dentro dos seus estatutos atribui a cooperativa o título de

pioneira e fundadora do modelo de cooperativismo moderno utilizado atualmente no mundo inteiro. Os Princípios de Rochdale são assim a definição dos parâmetros para o entendimento do que é uma cooperativa até hoje.

O Owenismo teve grande influência na construção ideológica do cooperativismo moderno. Robert Owen, classificado por Marx e Engels como um socialista utópico, representa não apenas o aspecto ideológico, mas também o ativista dos primeiros cooperativistas. Owen foi um influenciador das lutas trabalhistas do século XIX, proprietário de fábrica iniciou nos seus próprios negócios diferentes abordagens nas relações de trabalho, iniciada com uma vila operária modelo em New Lanark que possuía valores socioeducacionais bem definidos (Lisboa, 2023).

Fairbairn (1994) coloca que apesar do objetivo econômico o aspecto ideológico esteve sempre atrelado aos Princípios de Rochdale, influenciado principalmente pelo Owenismo e os seus ideais socialistas e comunistas. O autor coloca que a cooperativa não surgiu exclusivamente por necessidade, mas foi influenciada e organizada por pensadores, ativistas e líderes políticos que faziam parte de uma rede de ideias e instituições. Fairbairn pontua ainda que mesmo que as cooperativas sejam uma ferramenta e alternativa para os mais pobres ou marginalizados, elas raramente são lideradas por eles, e apesar de surgirem da necessidade há a influência de ativistas, instituições ou agências que promovem e coordenam conscientemente sua formação.

Uma evidência da influência ideológica de ativistas socialistas da época seria a própria escolha do nome da cooperativa, *Rochdale Equitable Pioneers Society*. No Owenismo o termo “*equitable*” representa uma sociedade que busca eliminar a exploração do capitalismo, pautada na troca de bens e trabalho, em 1844 decidiu pelo nome “*Equitable Pioneers*” aponta uma afirmação social e política demonstrando o posicionamento consciente da cooperativa a favor de uma reforma social pautada no interesse dos trabalhadores (Fairbairn, 1994). No seu primeiro estatuto estabelecido em 1844 a cooperativa incluiu a oferta de emprego para os membros desempregados ou em situação de reduções salariais, se comprometendo também a adquirir ou alugar propriedades rurais que seriam cultivadas pelos membros nessa situação. (Cole, 1944)

Outro ponto fundamental que caracteriza os Pioneiros de Rochdale é a relevância e o investimento que colocaram na educação. Em 1850, com a falência da agência educacional “*Rochdale People’s Institute*” a cooperativa fez a aquisição de sua biblioteca, onde Abraham Greenwood, antigo coordenador do “*Rochdale People’s Institute*”, iniciou um novo trabalho colocando a cooperativa como a principal instituição educacional em Rochdale. Já no estatuto de

1854 foi definido que 2,5 por cento do excedente anual da cooperativa deveria ser direcionado à programas educacionais, reforçando o caráter comunista presente no estatuto fundador onde foi afirmado que “...esta Sociedade procederá à organização dos poderes de produção, distribuição, educação e governo, ou, em outras palavras, estabelecerá uma comunidade autossustentável de interesses compartilhados...”<sup>4</sup> (Lambert, 1963, pg 47, tradução nossa)

Os Pioneiros de Rochdale não apenas uniam propósitos econômicos e sociais, mas também se destacavam como uma cooperativa prática e versátil, suprimindo diversas necessidades de seus membros, possuíam tanto uma visão idealista quanto habilidades práticas de organização. Apesar de seus princípios não serem totalmente originais, eram extremamente úteis e refletiam uma clara percepção do propósito social que buscavam na sociedade a longo prazo. Esse aspecto colocou os Pioneiros de Rochdale como o modelo de cooperativa moderna.

Em 1895 foi fundada em Londres a “*International Cooperative Alliance*” (ICA), que em 1930 compilou e reduziu os Princípios de Rochdale de forma a definir as organizações que pudessem ser caracterizadas como cooperativas.

Quadro 1 – Lista de Princípios de Rochdale pela Aliança Cooperativa Internacional

<b>The Rochdale Principles (ICA, 1937)</b>	
1.	Open membership.
2.	Democratic control.
3.	Distribution of the surplus to the members in proportion to their transactions.
4.	Limited interest on capital.
-----	
5.	Political and religious neutrality.
6.	Cash trading.
7.	Promotion of education.

Fonte: Fairbairn, 1994

O comitê do ICA elaborou uma lista de sete características consideradas essenciais, porém não considerou todos os sete pontos como igualmente importantes. Os quatro primeiros pontos

---

<sup>4</sup> “...this Society shall proceed to arrange the powers of production, distribution, education, and government, or in other words to establish a self-supporting home-colony of united interests...” (Lambert, 1963, pg. 47)

foram considerados fundamentais para o caráter cooperativo de qualquer organização, e são exigidos como requisitos para associações que desejam se filiar à ICA. No entanto, os últimos três foram reconhecidos como parte do sistema cooperativo, mas não como características necessárias para admissão na ICA.

Percebemos assim logo no início do século XX uma mudança no posicionamento político das cooperativas e como elas eram representadas no cenário mundial. Como colocado por Costa (2007) essa organização acabou gerando “um movimento cooperativo reformista e não revolucionário. Definindo-se como uma alternativa dentro do sistema e não mais como uma alternativa ao sistema” (p. 62). Para ele isso acabou gerando um “cooperativismo sem Rochdale” onde a cooperativa se torna uma técnica empresarial, perdendo suas características políticas e sociais.

Chase (2003) ao observar o cooperativismo no contexto brasileiro, mais especificamente cooperativas agrícolas no Goiás, reforça as afirmações trazidas por Costa. A autora argumenta a partir da presença do Estado brasileiro no estabelecimento das cooperativas na região central do país, sendo utilizadas como ferramenta para ocupação da região. É citada a grande influência do governo de Vargas, onde entre 1935 e 1945 o número de cooperativas agrícolas no país foi de 15 para 643. Para Chase essa influência estatal caracteriza o cooperativismo no país, sendo argumento suficiente para afirmar que ele não é um movimento rural autônomo e inseparável do poder estatal. Ela afirma ainda que a partir dessa relação a presença das cooperativas não pode ser separada da promoção e venda de grãos com fins de exportação.

Percebemos assim como a ideia de cooperativismo e o que esse movimento representa está cercado de ambiguidades, a partir da sua origem ideológica, seu desdobramento na história e diferentes usos como ferramenta de desenvolvimento econômico e social. Apesar de as cooperativas serem vistas como uma alternativa ao individualismo capitalista, existe uma preocupação crescente com a tendência global no cooperativismo agrícola de priorizar eficiência, competição internacional e escalas econômicas. Para Loureiro (1981) o cooperativismo vem sendo utilizado como reprodução e reforço das condições estruturais vigentes, representando assim uma ferramenta aos interesses do capital, esse aspecto provocaria assim o distanciamento entre as cooperativas agrícolas e os princípios sociais que fundamentam o cooperativismo, privilegiando a lógica econômica em detrimento da participação democrática e de práticas agrícolas alternativas.

Por outro lado, para os economistas de abordagem humanista as relações de reciprocidade são intrínsecas a esse modelo, sendo assim uma opção a dicotomia capitalismo-socialismo, funcionando como modelos de participação local e independência do Estado (Chase, 2003). Germer (2005) ao analisar a abordagem da economia solidária sobre o cooperativismo coloca, entretanto que essas abordagens possuem um caráter generalista tratando o cooperativismo como um modelo típico de economia solidária e abordando sobre uma mesma lente de análise diferentes cooperativas, o que não leva em conta as falhas e limitações presentes em cada cooperativa.

Pelas suas fundações ideológicas e desenvolvimento histórico o cooperativismo acaba gerando diferentes expectativas, causando uma sensação de ambiguidade. Uma instituição pautada em princípios comunistas com funções e objetivos econômico-sociais operando no sistema capitalista.

A integração das cooperativas no sistema de mercado contemporâneo apresenta desafios significativos. Por um lado, as cooperativas devem aderir a normativas e padrões de mercado para garantir a viabilidade de seus produtos, especialmente no setor alimentício, onde regulamentos rígidos sobre segurança e qualidade são imperativos. Por outro lado, essa necessidade de adaptação ao mercado pode parecer uma concessão aos princípios capitalistas que as cooperativas originalmente buscavam se opor. A questão central, portanto, é se as cooperativas conseguem manter sua integridade ideológica enquanto operam dentro de um sistema que muitas vezes valoriza mais a eficiência econômica do que a equidade social.

Em vista a bibliográfica levantada sobre a questão da produção alimentar no Cerrado e do cooperativismo, pretendo a partir da inserção e observação participante em duas cooperativas observar como essa ambiguidade é abordada. Em especial considerando que são cooperativas que trabalham com modos de produção e alimentos diferenciados daqueles geralmente produzidos na região.

## **CAPÍTULO V**

### **AS COOPERATIVAS**

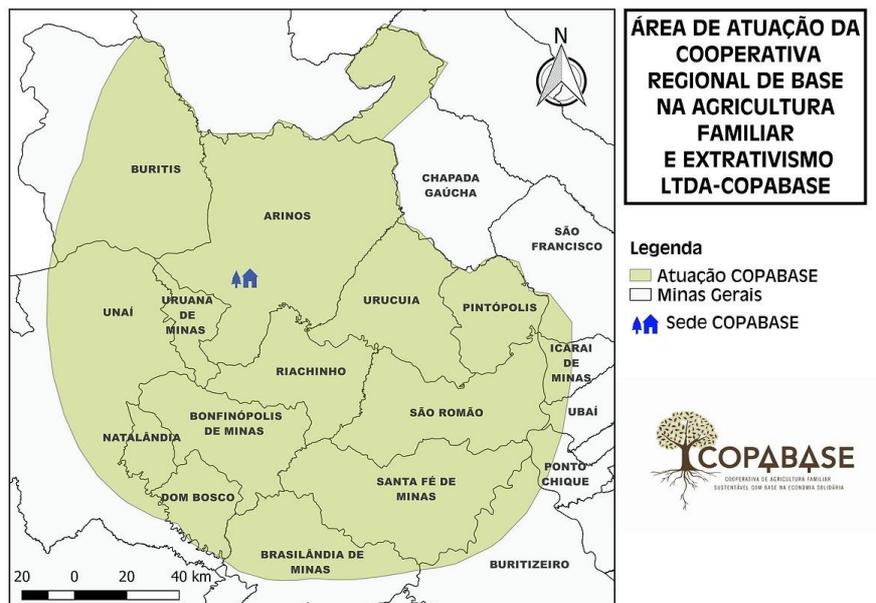
Uma parte fundamental de uma etnografia é sem dúvida a etapa de trabalho de campo. Após a realização do levantamento bibliográfico sobre o Cerrado e a produção alimentar foram selecionadas duas organizações que tivessem a presença tanto do extrativismo quanto do cooperativismo. O extrativismo já é uma prática amplamente difundida entre os agricultores, comunidades e povos do Cerrado, mas além disso ele representa uma possibilidade de diversificação de renda e defesa dos seus territórios como forma de resistência ao avanço agressivo do agronegócio na região. Nesse contexto o cooperativismo surge como possibilidade de organização, onde diferentes indivíduos que compartilham de um mesmo objetivo econômico, social e nesse caso ambiental, consigam se organizar.

Além da presença do extrativismo e cooperativismo busquei cooperativas que possuem o controle amplo sobre os processos produtivos. Onde fosse possível o contato desde o agricultor cooperado até o consumidor final, abrangendo diferentes etapas que compõem a produção de alimentos do Cerrado. A etapa de campo foi realizada assim em duas partes. A primeira ocorreu entre os dias 7 e 12 de agosto de 2023 com a COPABASE, cooperativa que possui sua sede na cidade de Arinos no norte de Minas Gerais, e a segunda parte do campo aconteceu em Sobradinho-DF com a Central do Cerrado entre os dias 07 e 17 de novembro de 2023.

Na primeira o aspecto de produção agrícola se mostrou mais presente, tive contato direto com agricultores cooperados e não cooperados da região do Vale do Urucuaia, circulando entre os municípios de Arinos e Uruana de Minas. Na COPABASE o processo de beneficiamento se mostrou como aspecto mais presente no trabalho realizado pela cooperativa, onde todas as etapas de processamento desde armazenamento até a versão de venda de varejo são realizadas na sua sede. Já na Central do Cerrado houve também o contato com o produto ainda nas etapas iniciais, que chegavam com o processamento inicial já realizado pelas cooperativas associadas, porém o trabalho se voltava as etapas finais, com a produção de alimentos para eventos e degustações onde o produto apresentado se encontrava pronto para consumo imediato. Além disso o aspecto de articulador se mostrou bastante presente na Central, estando sempre presente em diversas atividades em parcerias com outras instituições e órgãos.

## 5.1: COPABASE

Figura 1 – Área de cobertura de atuação da COPABASE



Fonte: COPABASE, 2023

A Cooperativa Regional de Base na Agricultura Familiar e Extrativismo, que possui o nome fantasia “COPABASE”, é uma organização cooperativa que se dedica a agricultura familiar em regime de agricultura sustentável e economia solidária. Foi constituída no dia 23 de fevereiro de 2008 com sede e gestão no município de Arinos, situado no Vale do Urucua. A área de atuação da COPABASE abrange diversos municípios, incluindo Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Pintópolis, Riachinho, São Romão, Santa Fé de Minas, Dom Bosco, Urucua e Uruana de Minas. Seu foco principal é apoiar a agricultura familiar e a Economia Solidária, com o objetivo de facilitar a comercialização dos produtos da agricultura familiar e artesanais entre seus cooperados, promovendo a defesa econômico-social por meio da colaboração mútua.

A cooperativa realiza uma série de atividades como forma de alcançar seu objetivo operando na venda dos produtos da agricultura familiar e artesanato. Podemos perceber que as atividades listadas no estatuto da cooperativa vão além apenas do processo produtivo, algumas são voltadas para produção e venda dos produtos a partir de uma perspectiva mais técnica e há outras atividades previstas que buscam a autonomia, o conhecimento e a educação dos membros da cooperativa e comunidade.

“§ 1º - No cumprimento das suas finalidades e na medida dos recursos disponíveis, operará na venda em comum de seus produtos e/ou serviços da agricultura familiar e artesanato, que lhe forem entregues ou prestados pelos cooperados, na aquisição de Insumos, materiais, equipamentos e implementos para seu abastecimento e no comércio de insumos, alimentos, cosméticos, destilados e afins, para o consumo de seus cooperados:

I - Recebimento, análise, beneficiamento, padronização, classificação e armazenamento da produção;

II - Recepção, classificação, padronização, armazenamento, processamento, embalagem e envasamento de produtos, se for o caso, registrando as marcas necessárias;

III - Venda dos produtos nos mercados locais, regional, nacional ou internacional;

IV - Compra e fornecimento de materiais e equipamentos aos cooperados, para seu próprio uso;

V - Outras atividades a fim de atender os cooperados em suas atividades e as previstas no regimento interno e ainda outras aprovadas pelo conselho administrativo ou assembleia geral conforme atas circunstanciais lavradas, para atendimento dos cooperados organizados e integrados em rede nas bases comunitárias, produtiva, processamento e comercialização dos produtores de mandioca, mel, madeira, leite, pescado, frutos do cerrado e seus derivados e de outros produtos da agricultura familiar, hortifrutigranjeiros e artesanais.

VI - Promoção de atividades de apoio e/ou organização da base produtiva aos cooperados e/ou produtores rurais e/ou artesãos, por meio da assistência técnica e extensão rural, ou orientação técnica dentro dos princípios e metodologia “ADRS- Agente de Desenvolvimento Regional Sustentável”;

VII- Promoção de capacitação dos agricultores familiares visando à formação e o aperfeiçoamento de liderança, a profissionalização, a educação formal ou não, mediante a realização de cursos, seminários, palestras, encontros coletivos, e outras formas de transmissão de conhecimento;

VIII- Realização de atividades de acompanhamento dos cooperados e produtores rurais para aprimoramento das competências tais como, contratação de consultorias, assessorias, serviços de técnicos especializados, e outros com recursos próprios ou por meio de convênios com órgãos governamentais ou não, nacionais ou internacionais;

IX- Realização de atividades de educação de jovens e adultos e resgate de atividades culturais para garantir o aprimoramento das capacidades educacionais das famílias cooperadas ou não.

X- Realização de atividades ligadas ao fomento das questões ambientais e promoção do desenvolvimento sustentável tais como implementação de viveiros de mudas, distribuição de mudas, cercamento de nascentes, palestras sócio-educativas e de educação ambiental e demais atividades necessárias relativas à conservação ambiental;

XI- Captação de recursos financeiros para custeio de lavouras e outros investimentos dos cooperados.

XII - Realização ou participação em exposições, feiras e eventos diversos que possibilitem a divulgação e venda dos produtos dos cooperados.

XIII- Atuar na organização, avaliação, verificação e ateste de produtos ou estabelecimentos produtores ou comerciais que atendam às exigências do regulamento da produção orgânica, podendo credenciar-se como OPAC - Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade, para promoção da Agroecologia.”

(COPABASE, 2020)

O primeiro contato com a COPABASE, que se deu através da Dionete, gerente da cooperativa. No primeiro dia nos reunimos na Central Veredas, loja da cooperativa na praça central da cidade de Arinos, onde ficam exposto produtos alimentícios e artesanais não apenas da COPABASE, mas também de cooperativas parceiras. Logo no início pude perceber que a Central

Veredas vai além de um ponto comercial, o local se caracteriza também como um ponto de produção e encontro. Enquanto esperava a Dionete para nossa reunião conheci a artesã Dona Lucia, que havia ido ao local para utilizar as máquinas de costura que ficam ali a disposição para produzir algumas peças de tecido que haviam sido encomendadas.

No meu primeiro encontro com Dionete ela colocou as dificuldades que a cooperativa encontra hoje, sendo a principal delas a alta demanda de alguns produtos. É notado por ela um aumento na demanda por produtos que possuam as especificidades que a cooperativa oferece, sendo eles majoritariamente orgânicos, oriundos da agricultura familiar e ligados a conservação de modos de vida e do meio ambiente. Entre essas demandas uma encomenda de 7 toneladas de baru para os Estados Unidos, que seria enviada no mês seguinte. A cooperativa vem tentando suprir essa crescente demanda por seus produtos a partir de projetos e parcerias, sendo esse hoje o principal trabalho da Dionete como gerente, garantir uma articulação coesa entre a cooperativa e possíveis parceiros.

Há ainda um grande desafio apresentado por ela, o caminho entre o agricultor e os editais de incentivo. Para Dionete um dos principais trabalhos da CAPABASE hoje é facilitar esse caminho e garantir que barreiras burocráticas não impeçam os agricultores de terem acesso aos editais de crédito e incentivos produtivos.

Em seguida fui conhecer a fábrica da cooperativa que se encontra ao lado do campus de Arinos do IFNMG, o terreno onde se encontra hoje o instituto foi doado pela cooperativa para sua construção. É possível perceber que o instituto é um dos parceiros da cooperativa, realizando pesquisas em temas de interesse da cooperativa e seus agricultores, como possibilidade de plantação do baru e presença de estagiários alunos do IF na sede da COPABASE.

A sede da COPABASE é formada por três prédios, que comportam a fábrica de secos, a fábrica de úmidos e o escritório. Na fábrica de produtos secos são processados o baru, a cúrcuma, o urucum, a farinha de mandioca e açúcar mascavo. A fábrica de úmidos é onde ocorre refrigeração e congelamento de produtos e onde as polpas de frutas são processadas. As polpas são junto com o baru um dos principais produtos da cooperativa, além da venda de polpas de 200g no varejo a cooperativa fornece polpas de 1kg para escolas da região através do PNAE. As frutas utilizadas para produção das polpas incluem tanto frutos nativos colhidos através do extrativismo como também frutos exóticos, aqueles que estão fora da sua área natural, cultivados

em pomares pelos agricultores, sendo elas: maracujá, manga, acerola, caju, goiaba, abacaxi, umbu, coquinho-azedo, tamarindo, mangaba, cagaita, jabuticaba e araticum.

Estive poucas vezes na fábrica de úmidos e por um tempo curto. Lá o trabalho é realizado majoritariamente com a utilização de maquinário, tanto o trabalho de transformação dos frutos em polpas como o de embalagem dessas polpas é feito com máquinas. Quando havia uma produção considerável das polpas de 200g nós que ficávamos na fábrica dos secos íamos até a outra fábrica para empacotá-las em embalagens de 2kgs, com 10 unidades cada.

A Dionete geralmente não fica na sede, lá os meus principais contatos foram a Cristina e a Mônica, a primeira responsável pelo escritório e a segunda pela fábrica. No primeiro momento sou recebida pela Cristina, foi ela quem explicou a relação entre a COPABASE e o IFNMG. Assim como a Dionete a Cristina comentou sobre as demandas da cooperativa, entre elas a participação no conselho de implementação de placas solares na região, por ser uma possibilidade de cumprimento de responsabilidade social e ambiental a COPABASE foi objeto de interesse dessas empresas. Cristina apontou o maracujá como uma das principais demandas produtivas da cooperativa, visto que há uma falta da fruta no mercado a nível nacional.

Como meu enfoque era a produção dos produtos alimentares da COPABASE e suas etapas acabei passando mais tempo com a Mônica nas atividades da fábrica. No primeiro dia a Dionete havia avisado à Mônica sobre a minha visita, porém quando ela e a Eliana, uma das funcionárias, chegaram ela me informou que segunda-feira era dia de limpeza e que poderia apenas apresentar a fábrica rapidamente, mas que eu não poderia acompanhar a produção. Como cozinheira eu entendo que a etapa de limpeza e higienização faz parte de qualquer processo de produção alimentar, logo, me coloquei a disposição para participar da lavagem da fábrica. No início tinham separado para mim mangas plásticas, um avental descartável e protetor de sapatos, mas quando perceberam que eu realmente ia fazer parte da limpeza me deram uma camiseta branca e um par de galochas, também brancas.

Esse aspecto sanitário cerca o espaço das fábricas de produção da cooperativa, tanto a de produtos secos, onde são processados os barus, a cúrcuma, o urucum e a farinha de mandioca, quanto a fábrica de úmidos, onde são processadas as polpas de frutas. Esses espaços possuem uma área de higienização na sua entrada, com folders com orientações de higienização. O meu primeiro contato com a fábrica foi assim marcado pelo aspecto sanitário que cerca a produção alimentar. Os agricultores por vezes não têm o conhecimento das normas ou a estrutura

necessária para cumprir com os requisitos de produção da vigilância sanitária, esse aspecto sanitário pode significar mais uma barreira para produção de alimentos extrativistas e da agricultura familiar, a cooperativa entra nesse sentido como possibilidade de produção.

O período que passei na fábrica foi marcado majoritariamente pelo processamento do baru que acontece em diferentes etapas. O baru é um fruto composto por três partes: a casca, o mesocarpo e a castanha, a parte que é comercializada é a castanha, para se referir a ela não é especificado sua característica de castanha, apenas o título de baru. A produção do baru é realizada de forma extrativista, o período de maturação da castanha acontece entre os meses de julho e outubro com a queda dos frutos (Sano, 2004), já na região coberta pela COPABASE a safra acontece em setembro com seu ápice em outubro, quando é realizada sua colheita. Os frutos são abertos com uma guilhotina pelos extrativistas para retirada da castanha, que é entregue na sede da COPABASE, a cooperativa possibilita também a retirada de produtos nas casas dos agricultores.

Figura 2 – Baru *in natura*



Figura 3 – Guilhotina



Fonte: a autora<sup>5</sup>

Após a chegada do baru na sede e fábrica da cooperativa ele é pesado e congelado em um contêiner para que possa suprir a sua demanda contínua. No decorrer do ano e a depender da

---

<sup>5</sup> As fotografias utilizadas fazem parte do registro de campo da autora.

demanda ele é levado à fábrica de produtos secos para o processamento. Na fábrica esse baru é selecionado em mesas vazadas, onde é feito também o controle de matéria útil e rejeito. Após a seleção é feita a torra da castanha em um maquinário próprio, nessa mesma máquina é feita o resfriamento das castanhas para que elas possam ser ensacadas.

Figura 4 – Baru armazenado em contêiner de congelamento



Figura 5 – Seleção de castanha de baru



Fonte: a autora

O processo final realizado na fábrica é o de envase, onde o baru é pesado e embalado. O baru da COPABASE possui diferentes embalagens, a embalagem mais comum possui a variação entre os pesos, sendo eles 100g, 500g e 1kg. A embalagem própria para a seção de FLV (frutas, verduras e legumes) de mercados de varejo é composta por uma embalagem a vácuo com 120g da castanha, dentro de uma embalagem de plástico rígido e a última, direcionada para o atacado, é a embalagem também a vácuo de 20kgs. A depender da demanda o serviço de envase da fábrica é direcionado para esses diferentes pesos e embalagens. Como havia a encomenda de 7 toneladas para o mês seguinte a pessoa responsável pela torra dos barus realizava também a embalagem destes, divididos em 20kgs e selados à vácuo. Como já existe uma demanda contínua no varejo desse produto os outros funcionários ou estagiários realizavam o envase para tal, usualmente feito nas embalagens de 100g.

Figura 6 – Castanha de baru em embalagens de 100g



Fonte: a autora

O trabalho nas fábricas segue a demanda de produtos. A embalagem de FLV por exemplo que passa por duas etapas, embalagem interna à vácuo e embalagem externa, demanda um maior trabalho dos funcionários. Foi relatado que quando houve um pedido grande específico desse produto foi realizado um esforço coletivo entre os funcionários para cumprimento do prazo de entrega.

Em um dos momentos de processamento de baru, Eliana, uma das funcionárias da fábrica comentou sobre uma extrativista que conheceu. Uma senhora que na época do baru conseguia produzir até dez quilos por dia, e que para ela era uma renda extra além das frutas e leguminosas que cultivava. Eliana afirmou que achava interessantes as possibilidades existentes no baru, pois é uma planta que já está ali, algo dado, sem necessidade de irrigação ou uso de agrotóxicos, que produz de forma significativa deixando o chão coberto de frutos.

Em vista a alta demanda de produtos a COPABASE, pela primeira vez desde a fundação, estava abrindo para novos cooperados. Para alcançar novos agricultores foi organizada uma série de encontros no decorrer de cinco meses, onde seriam realizadas visitas, trocas, capacitações

sobre diversos temas nos assentamentos da região. Esses encontros seriam realizados a partir do projeto PPPECOS em parceria com o ISPN e Sebrae, com o objetivo não apenas de apresentar as demandas, oportunidades e informações sobre a COPABASE, mas também de valorização das pessoas e comunidades na tentativa de formar novas lideranças visando os saberes e fazeres tradicionais, e a partir da vocação sociocultural de cada comunidade promover a renda através da biodiversidade local.

No dia 11 de agosto realizamos então a visita em três assentamentos. O ponto de encontro foi novamente a Central Veredas, lá eu encontrei Viviane Fortes, consultora de projetos socioculturais convidada pelo Sebrae e a Cristina, funcionária do administrativo da COPABASE, nos dirigimos até o assentamento Carlos Lamarca que fica na região de Arinos. Lá nos encontramos com Andreia Frota, vereadora do município de Uruana de Minas e cooperada COPABASE. Eu fui como apoio técnico para uso do computador e auxílio na projeção da apresentação preparada.

Nesse primeiro encontro estavam presentes 12 agricultores do assentamento Carlos Lamarca. Iniciamos com a apresentação de todos, onde foi citado inclusive o que levou cada um dos agricultores aquela região, sendo o principal motivo questões familiares, como casamento, presença de parentes e responsável pelos pais idosos, como também questões de saúde e dificuldade de adaptação a regiões urbanas. Depois foi discutido os principais produtos produzidos no assentamento e as dificuldades que os agricultores encontravam. O principal produto citado foi o gado de leite, porém para a produção de leite os agricultores têm enfrentado problemas com a falta de água. Ele representa uma das principais formas de produção na região, por possuir uma maior margem de lucro e em razão dos subprodutos do leite, porém os agricultores ficam reféns das questões hídricas. Foi citada a avicultura de corte, a produção de hortaliças e frutas e colheita de frutos do cerrado. Cleide, agricultora cooperada da COPABASE, colocou como principal fonte de renda a produção de acerola e maracujá, que são utilizadas na produção de polpas na cooperativa. Esses outros produtos representam assim uma alternativa ao gado de leite, os agricultores colocaram que quanto maior as possibilidades de produção mais seguro é para eles, visto os diferentes contratempes e intemperes que assolam a região.

Figura 7 – Encontro assentamento Carlos Lamarca



Fonte: a autora

Em seguida Andreia iniciou sua fala, onde foi abordado principalmente as dificuldades da vida no campo e a importância da comunidade. Foi salientado por ela a importância em não romantizar as práticas agrícolas, a produção de alimentos é difícil e cruel, então ela trouxe o questionamento “o que mantém as pessoas no campo?”. Para Andreia a resposta está na qualidade de vida. Foi iniciada então uma roda de conversa com mediação da Viviane e Andreia sobre a qualidade de vida no campo em oposição a cidade e as relações de comunidade estabelecidas. Os agricultores afirmaram que possuem orgulho da sua propriedade, sentem prazer em cultivar e manter a terra, como também no trato dos animais. Para eles o contato com a terra traz sossego e tranquilidade. Andrea pontuou que apesar das dificuldades é importante aos agricultores se valorizarem, pois eles são os responsáveis por estabelecer a relação com terra que gera o alimento consumido na região, que vai além de produzir, é alimentar o outro. E que ao conseguirem reconhecer sua força de forma individual e conjunta as dificuldades podem ser superadas.

Em oposição à qualidade de vida no campo foram trazidas as mazelas que cercam a vida urbana e impactam aqueles que vivem nesse meio, esse momento da conversa foi guiado principalmente pela Viviane. Foram citadas a ansiedade e depressão, doenças categorizadas pelo grupo como da cidade, excesso de consumo de alimentos processados, que não fazem bem para o

corpo e para a alma e falta de comunidade, onde as pessoas não sabem nem o nome dos seus vizinhos.

A questão da comunidade se mostrou como um ponto fundamental, antes da pandemia foi relatado que era comum festas serem realizadas pela associação do assentamento, mas que desde então essa forma de socialização não foi continuada. A relação de proximidade entre os associados se manteve e está presente principalmente em situações de dificuldades, a partir da organização de mutirões e suporte quando algum membro está com problemas de saúde. Nesse contexto de adversidade é quando para os associados a solidariedade aparece de forma mais clara, mas eles gostariam de retomar os festejos que realizavam antes, para que estejam juntos tanto em momentos de dificuldade como de festividade. Viviane fechou esse momento da reunião colocando a importância das relações, não apenas entre os próprios associados, mas entre as pessoas e a natureza, para ela é isso que diferencia a realidade do campo à da cidade, a sensibilidade que toca as relações ali estabelecidas, pautadas em um ritmo mais devagar e profundo, prevenindo todos ali das chamadas doenças da cidade.

Em seguida a palavra foi passada à Cristina, que iniciou abordando novamente a questão da comunidade e solidariedade, o objetivo era a apresentar a cooperativa e seus valores, mostrando que além dos benefícios técnico e econômicos a COPABASE tem uma série de valores ligados à relação com o meio, valorização do Cerrado e senso de comunidade e solidariedade. Em sua fala Cristina abordou os benefícios que existem para os agricultores familiares, foram citados o PRONAF e o Coban, e das dificuldades de acesso a eles que muitos encontram principalmente ligados a questões cadastrais e burocráticas. Além disso foi discutido a dificuldade de acesso à assistência técnica especializada na área de agronomia. Cristina afirmou que esses e outros serviços são disponibilizados para todos os cooperados, que os funcionários das cooperativas, desde a equipe administrativa até a equipe de técnicos agrônomos, são funcionários dos cooperados.

Cristina apontou que a partir da existência da cooperativa os agricultores além de receberem apoio administrativo e técnico fazem parte de uma comunidade que permite que os valores compartilhados possam ser amplamente e plenamente vividos. A COPABASE seria assim um local onde a partir das possibilidades carregadas em cada um dos sujeitos o coletivo se constrói, criando um espaço de manifestação da diversidade e de oportunidades de escolhas para todos os envolvidos. Foi realizado o convite ao assentamento para a série de reuniões, onde seria

abordado não apenas a abertura da cooperativa a novos membros, mas também a importância do trabalho realizado pelos agricultores na manutenção do meio e produção alimentar e a valorização do senso de comunidade entre os associados. O encontro foi finalizado com um lanche, onde foi servido um dos sucos produzidos pela cooperativa.

No período da tarde seguiríamos a Oziel II e Oziel I, porém a Viviane precisou deixar o grupo pois tinha um compromisso em outro estado. Os dois assentamentos se encontram no município de Uruana de Minas, vizinho à Arinos, inicialmente eram uma associação única, mas após divergências entre os assentados houve a divisão. Em Oziel I e II não há cooperados da COPABASE. Na reunião com o Oziel II estiveram presentes 11 associados, onde foi realizada uma dinâmica semelhante a anterior. Em relação às dificuldades citadas pelos associados foram colocadas principalmente as inseguranças por não terem a posse plena da terra que estão cultivando. O grupo como um todo compartilhou o desejo de melhores condições na região, possuem interesse no cultivo de árvores nativas que requerem menores recursos para a manutenção e tem buscado em fontes alternativas como vídeos online formas de superar as adversidades técnicas encontradas no cultivo, acham oportuno o interesse que o mercado tem adquirido nos frutos do Cerrado com uma série de subprodutos sendo comercializados. Assim como a comunidade do Carlos Lamarca os assentados veem no campo o local onde possuem uma melhor qualidade de vida, alguns tentaram ficar por um período em grandes centros urbanos, mas por motivos de segurança e em busca de um melhor local para os filhos voltaram para o campo. Novamente um lanche foi servido como forma de encerramento.

A valorização do campo e aqueles que trabalham nele foi novamente um ponto levantado pela Andreia, ela colocou que para que eles consigam se integrar em um ambiente cooperativo é preciso que vejam o potencial que carregam no seu trabalho e modo de vida. Para ela apenas a partir de um trabalho de aumento de autoestima o grupo poderá ver a força que carrega, em especial considerando como historicamente os grupos camponeses estiveram sujeitos a uma série de estereótipos, preconceitos e submissão a modelos de vida hegemônicos.

Figura 8 – Encontro assentamento Oziel II



Fonte: a autora

No encontro com o Oziel I tivemos uma experiência diferente, apesar de os membros da associação terem sido convidados apenas dois casais com seus filhos menores apareceram, isso dentro dos 50 associados. Realizamos então uma conversa com os presentes enquanto lanchávamos. Foi colocada a dificuldade em estabelecer um senso de comunidade e mobilizar os associados, há uma desmotivação no grupo, uma associação já estabelecida que possui um espaço e trator para uso comum. Em relação á produção um dos agricultores citou as dificuldades que estava tendo com o gado de leite, com o alto custo de manutenção, e que passou a se dedicar principalmente a produção de hortaliças, fornecendo inclusive para o PNAE. Porém ele vem encontrando dificuldades com acesso a assistência técnica, mesmo com o pagamento adiantado agrônomos não realizam a consultoria aos agricultores que acabam ficando sem orientação e suporte para produção. Cristina falou sobre as possibilidades existentes na cooperativa e que

algumas das demandas que aparecem de forma mais urgente para os agricultores podem ser supridas já com a capacidade da própria cooperativa a partir do quadro de funcionários. Os associados presentes deixaram claro o desejo de uma maior articulação da associação e melhoria nas relações entre eles, e que no próximo encontro vão tentar mobilizar mais pessoas a participarem.

Figura 9 – Encontro assentamento Oziel I



Fonte: a autora

No dia 12 de agosto aconteceu o IV Encontro da Família Rural dentro da 30ª Expoagro Arinos. O encontro se iniciou com o credenciamento e a distribuição de lanches, o prefeito iniciou com o discurso de abertura falando sobre o processo de licenciamento dos assentamentos e a importância da entrega de títulos da terra para acesso ao PRONAF e crédito. Os agricultores foram divididos então em grupos para conhecerem os projetos desenvolvidos na região e visitarem a área de exposição do Expoagro onde estavam sendo expostos equipamentos e máquinas agrícolas. Após o circuito nos stands realizados com o grupo um almoço foi servido em outro local, onde encontrei com a Cleide, cooperada do assentamento Carlos Lamarca, e Ana recém-chegada ao assentamento. Ana falou das possíveis vantagens que poderia encontrar na cooperativa, ela estava na região para cuidar dos pais idosos e precisaria de suporte para realizar a produção. O encontro se encerrou com um sorteio de brindes.

## 5.2: Central do Cerrado

A segunda parte do campo ocorreu na Central do Cerrado, entre os dias 07 e 17 de novembro de 2023. A Central do Cerrado me foi apresentada como uma cooperativa de cooperativas, ela reúne quase 40 organizações comunitárias que produzem a partir da sociobiodiversidade do Cerrado, estão distribuídas em 9 estados e contam com um catálogo composto por mais de 250 produtos. A Central foi fundada a partir de um projeto realizado pelo Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) apoiado pela Fundação Banco do Brasil, sua formalização e estruturação ocorreu entre os anos de 2009 e 2010. Ela possui sua sede no Setor de Expansão Econômico de Sobradinho em Brasília e conta também com um galpão na região de Osasco em São Paulo.

A sede da Central onde foi realizada uma parte considerável do campo é composta por três partes. A primeira é o estoque e expedição, que se encontra no galpão do térreo, é onde os produtos ficam armazenados e são organizados para envio, onde geralmente estão o Denis, a Geovana e o Alex. No galpão está também o *showroom* da Central onde os produtos ficam expostos e são vendidos. A segunda parte é o administrativo que funciona no escritório no mezanino, onde ficam a Ildete, o Alexandre e o Marcos, há também uma sala de reuniões no mezanino que fica no lado oposto do galpão. E por fim a terceira parte se encontra no subsolo, lá estão a agroindústria e a área de eventos, espaços ocupados respectivamente pelo Márcio e Márcia.

No primeiro dia de campo havia uma movimentação voltada para os eventos, haveria dois naquela semana. Me apresentei e conheci alguns dos funcionários que se encontravam presentes, sendo eles: Luís, Ildete, Alex, Alexandre, Marcos, Márcio, Giovana e Denis. A minha experiência com cozinha profissional facilitou bastante a entrada e ambientação na Central, além de já ter tido contato com os produtos comercializados e ter noção do potencial gastronômico deles possuiu treinamento e conhecimento sobre boas práticas de manipulação alimentar, o que garantiu uma maior segurança à Central para me deixar ter um pleno contato com a produção e comercialização nas suas diferentes etapas e formas.

Figura 10 – *Showroom* Central do Cerrado em Sobradinho



Fonte: a autora

Logo em seguida acompanhei o Luís na retirada dos salgados que seriam servidos nos dois eventos da semana. Os salgados são produzidos a partir da parceria com Dona Lourdes, uma salgadeira que possui fábrica na vizinhança da sede da Central. A partir dos produtos comercializados a Central e Dona Lourdes chegaram em um catálogo de salgados, onde os produtos da Central estão presentes tanto na massa, a partir do enriquecimento com farinhas de jatobá, buriti e babaçu, quanto no recheio. O cardápio de salgados da Central inclui: Mini hambúrguer de tucumã, *petit choux* de linguiça de açaí, religiosa de pirarucu com pesto de baru, religiosa de palmito com a massa de jatobá, folheado de castanha-do-brasil, empadinha de frango com pequi, bombom de banana com canela com massa de babaçu, croissant de babaçu com recheio de queijo e umbu e pastel assado de almondega de açaí. Apenas nessa atividade inicial pude observar as relações econômicas estabelecidas pela Central, em contato com uma produtora local foi realizada uma parceria para que um novo produto que possuísse os produtos da Central

fosse gerado, demonstrando o potencial da gastronomia no incentivo ao consumo de produtos da biodiversidade do Cerrado (Jacques, 2020). Após a retirada dos salgados, que haviam sido produzidos no dia, voltamos para a Central para etiquetá-los e serem então levados ao evento do dia, a 2ª edição da Feira de Sustentabilidade do Polo Industrial de Manaus (FesPIM) realizado no Centro de Convenções Ulysses Guimarães pelo IDESAM, organização não governamental que atua em conjunto com produtores rurais, comunidades tradicionais, ribeirinhas e indígenas buscando alternativas para a conservação ambiental e o desenvolvimento social.

Em seguida fui para a área de agroindústria da Central acompanhar o Márcio, técnico responsável pelo setor. Lá separamos, embalamos e etiquetamos o restante dos salgados que seriam congelados para serem servidos em outro evento. Realizamos então a seleção das polpas de pequi em conserva que em seguida foram rotuladas, as polpas receberam a datação para então irem para o comércio.

No segundo dia acompanhei a Ildete, ela é assessora de vendas e acompanha também o contato com as comunidades. Ildete veio da região central do maranhão e é filha de quebradeira de coco babaçu, possuindo assim uma conexão direta com um dos produtos comercializados pela Central, o óleo de coco babaçu. A Central possui várias frentes de comércio, são realizadas vendas tanto no varejo quanto no atacado, os produtos são comercializados assim diretamente para restaurantes, em mercados de varejo estando presente na Malunga e no Carrefour e em diferentes empórios locais de Brasília. As vendas são realizadas também através de diversas plataformas online como Americanas, Mercado Livre, Magazine Luiza e o site da própria Central. A Ildete quem faz o atendimento aos clientes, atualiza o estoque da Central no site e realiza encomendas e pedidos, além de auxiliar em questões administrativas da área de vendas. A contabilidade da Central é realizada por uma empresa e a cada bimestre é preciso enviar as notas e recibos emitidos e recebidos pela Central, nesse dia escaneamos mais de 250 páginas referentes as notas e recibos dos meses de setembro e outubro. Ildete comentou sobre a necessidade da Central em ter pessoas que possam continuar ali o trabalho já feito, de forma que a continuidade da cooperativa como projeto possa ser mantida.

Figura 11 – Área de expedição no galpão da Central



Fonte: a autora

No dia 9 de novembro a Central forneceu o *coffee break* para o *Workshop* para Estruturação da Estratégia Federal do Voluntariado no Manejo Integral do Fogo realizado pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas no auditório do PrevFogo do Ibama. Nesse evento estávamos eu, Alex e Ana, o Alex é funcionário da Central e graduando em Agroecologia no IFB e a Ana, sua esposa, realiza trabalhos esporádicos na Central e possui licenciatura em Educação no Campo. O *coffee break* foi servido para 40 pessoas em dois momentos diferentes do dia, por volta das 10h30 no intervalo da manhã e à tarde às 16h30.

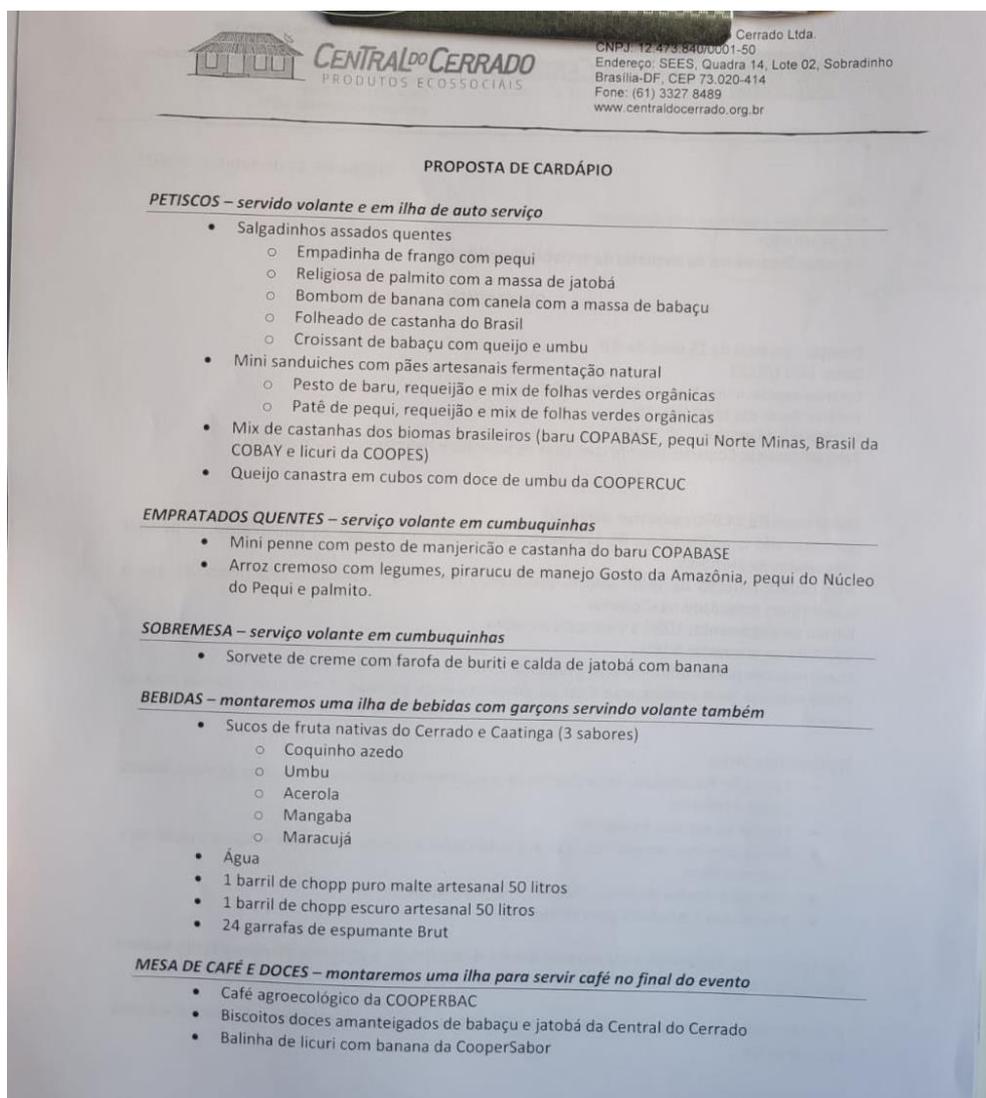
Figura 12 – Salgados servidos no *coffee break*



Fonte: a autora

O cardápio da Central para os eventos foi pensado de forma a incluir em pratos familiares os produtos comercializados pela cooperativa, dessa forma além de facilitar a aceitação do público aos produtos as possibilidades de inclusão dos produtos em práticas cotidianas são apresentadas. A necessidade de uma apresentação dos produtos bem elaborada vai de encontro às práticas alimentares massivamente difundidas, que não levam em consideração a inclusão dos produtos das cooperativas, para tal é realizada uma adequação dos produtos para que eles possam ser plenamente incluídos nos hábitos alimentares dos clientes, sendo sempre citado pelos funcionários e cooperados formas de inclusão e substituição possíveis nos produtos da cooperativa em contrapartida aos convencionais. Dessa forma a Central possui um cardápio padrão para cada tipo de evento sendo *coffee break*, coquetel, almoço ou jantar que sofrem variações a depender dos produtos disponíveis. O cardápio do *coffee break* geralmente é composto por algumas opções de salgados dentro dos já citados anteriormente, bolos, biscoitos doces amanteigados de babaçu e jatobá, frutas, queijo canastra em cubo com doce de umbu, no período da manhã geralmente são servidas tapiocas recheadas com pesto de baru, pasta de pequi ou geleia e no período da tarde sanduiches de pesto de baru e de pasta de pequi. Os sucos servidos foram de goiaba, cagaita e coquinho-azedo, além de uma mesa com café e chás.

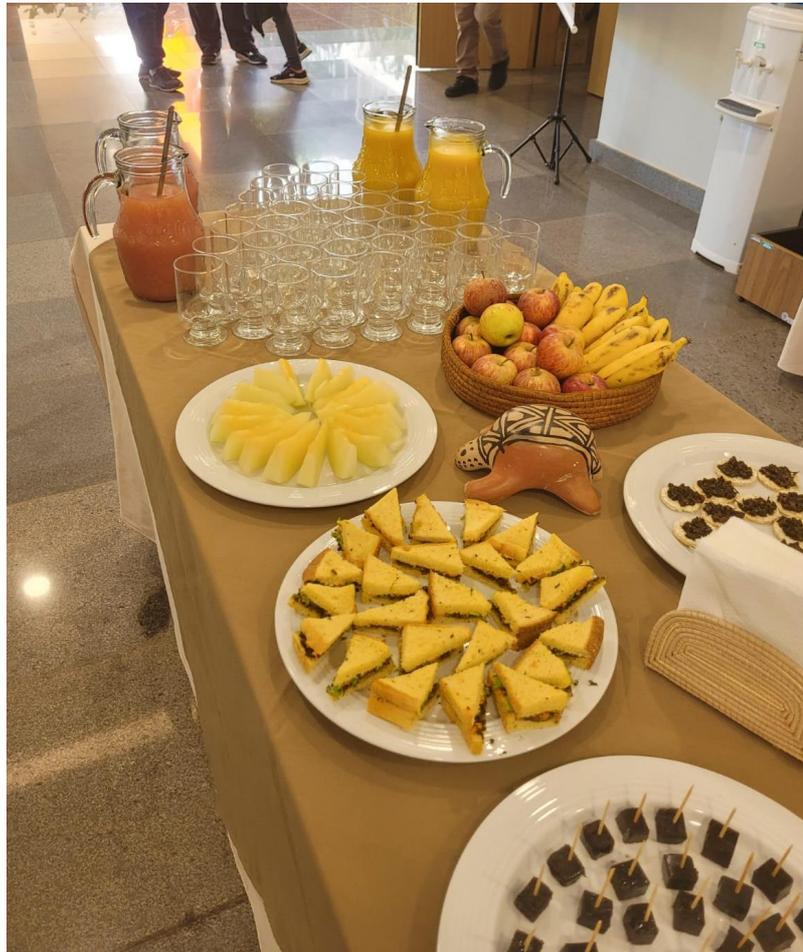
Figura 13 – Proposta de cardápio oferecido pela Central do Cerrado



Fonte: a autora

Apenas dentro desse cardápio de *coffee break* para 40 pessoas estavam incluídos 12 produtos comercializados pela central, sendo eles: Castanha de baru da COPABASE, doce de umbu de corte da COOPERCUC, polpa de pequi da Central do Cerrado, farinha de buriti da Central do Cerrado, farinha de jatobá da Central do Cerrado, farinha de mesocarpo de coco babaçu da COOPAESP, geleia orgânica de umbu da COOPERCUC, geleia de maracujá da caatinga da COOPERCUC, Castanha-do-Brasil da COOBAY, polpa de frutas da COOPABASE, café da COOPERBAC e artesanato de capim dourado da ACAPPM.

Figura 14 – Sucos de coquinho-azedo e goiaba, sanduiche de pesto de baru, doce de umbu e frutas servidos no *coffee break*



Fonte: a autora

A produção dos alimentos para os eventos acontece de diversas formas, alguns produtos são produzidos pela própria Central como os biscoitos amanteigados, o pesto de baru e a pasta de pequi, outros por parceiros da região, como os salgados da Dona Lourdes e os pães de fermentação natural da Padoca da Serra e outros pratos são apenas a manipulação simples de produtos já comercializados pela Central. A partir da produção dos alimentos e contato direto com os fornecedores dos produtos utilizados a Central consegue dessa forma oferecer um cardápio variado que abarque diferentes restrições alimentares, sendo majoritariamente vegetariano com opções para restrições veganas, de glúten e de lactose.

No final dessa semana estava programada uma atividade de degustação em um dos mercados de varejo onde a Central do Cerrado está presente, a degustação possuía o tema de uma

noite de vinhos e queijos, com o enfoque em bebidas alcoólicas e petiscos. Na degustação estávamos eu, Denis, promotor de agroecologia da Central e o gerente comercial Alexandre, também conhecido como Lelé. No mercado a Central possui um espaço próprio com a identidade visual bem definida, as prateleiras de madeira utilizadas ali foram produzidas pelo Alex na Central e o freezer onde as polpas são armazenadas também é da cooperativa com as informações sobre a origem dos alimentos.

Figura 15 – Prateleira da Central em mercado de varejo



Fonte: a autora

A degustação foi focada no baru e seus subprodutos, além da própria castanha da COPABASE servimos também Licor de baru, Barutella, Pesto de manjeriço com baru, Pesto de tomate seco com baru e Pesto de shitake com baru, além dos produtos com baru foi servido Licor de pequi, Geleia de maracujá da catinga e Geleia de umbu, ambas da COOPERCUC, os licores, Barutella e pestos são produzidos pela Nonna Pasqua. A presença da Central nesses mercados de varejo surgiu de uma demanda internacional para incentivo a fornecedores que estivessem envolvidos de forma direta com questões socioambientais, além de Brasília os produtos da

Central podem ser encontrados em mercados de varejo também em São Paulo. O Lelé comentou sobre a importância na apresentação dos produtos, no caso da degustação diretamente para o consumidor final, “os nossos clientes compram história”.

Figura 16 – Denis e Lelé servindo degustação de produtos oriundos do baru



Fonte: a autora

Todos os produtos que chegam na Central vêm direto do produtor e ela como cooperativa realiza o trabalho de inserir esse produto no mercado, de forma que os produtores não precisem se deslocar ou lidar com todas as barreiras burocráticas e estruturais existentes na produção e no comércio alimentar. Para que esse trabalho seja feito de forma plena os funcionários da cooperativa possuem um contato direto com o processo produtivo e com aqueles que realizam esse trabalho, a história que os clientes compram chegam até eles porque ela não se perde no

caminho que a cadeia de produção realiza, através da Central a origem, o trabalho e os nomes que cada produto carrega é mantido.

A semana seguinte se iniciou com atividades dentro da agroindústria, a parte da Central responsável pelo processamento e beneficiamento dos produtos que chegam das cooperativas até a Central. Alguns produtos chegam já finalizados, prontos para serem distribuídos nas diferentes plataformas de venda, outros chegam na sua forma mais simples, com um processamento mais simples. A Central realiza então os procedimentos necessários para que esses produtos possam entrar no mercado, desde processos de calor e selecionamento para garantia dos padrões de consumo até o envasamento, garantindo que os alimentos produzidos nas cooperativas estejam de acordo com as normas de produção alimentar e possam ser comercializados de forma mais ampla.

Figura 17 – Polpa de pequi



Fonte: a autora

A polpa de pequi produzida pela Central por exemplo utiliza o pequi fornecido pelo Núcleo do Pequi, uma rede de associações e cooperativas presente em 16 municípios do norte de Minas Gerais. A polpa do pequi chega na Central em garrafas com um líquido de conserva, que são então higienizadas e selecionadas para serem destinadas a diferentes fins. O Márcio é o técnico responsável pela agroindústria que realiza os procedimentos de beneficiamento, nós com o auxílio do estagiário realizamos a higienização e seleção das polpas. Algumas foram enviadas

para uma cooperativa ligada a Central e outras seriam utilizadas para a produção de pasta de pequi.

No dia 14 de novembro a Central estaria responsável de fornecer alimentação para mais num evento, o coquetel de comemoração dos 25 anos do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB). O IEB é uma ONG que tem como objetivo empoderar atores sociais, educando e treinando indivíduos, de forma a apoiar o fortalecimento de organizações ligadas as áreas de proteção do meio ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade. Os petiscos servidos no evento foram os salgados da Central do Cerrado, mini sanduiches de pesto de baru da COPABASE e pasta de pequi da Central do Cerrado, mix de castanhas (castanha-de-pequi do Núcleo de Pequi do Norte de Minas, castanha-do-brasil da COOBAY, baru da COPABASE e licuri da COOPES) e queijo canastra em cubos com doce de umbu. As opções de pratos quentes foram mini penne com pesto de manjerição e castanha de baru e arroz cremoso com legumes e pirarucu de manejo da Gosto da Amazônia, a sobremesa foi um sorvete de creme com farofa de buriti e calda de jatobá com banana e por fim as bebidas servidas foram sucos de polpas nativas do Cerrado e da Caatinga da COPABASE. Foi montada também uma mesa de café com o café agroecológico da COOPERBAC, biscoitos doces amanteigados de babaçu e jatobá da Central do Cerrado e balinha de licuri com banana da CooperSabor. A pré-produção foi realizada na cozinha da sede da Central do Cerrado e os equipamentos e produtos foram levados para o local do evento no Lago Sul para montagem e serviço.

Durante a manhã do dia seguinte eu acompanhei o Denis nos trabalhos de entrega da Central, graduando em Agroecologia no IFB e assentado no Acampamento 8 de Março em Planaltina ele é o responsável pela parte logística de entrega, distribuição e retiradas da Central. Nesse dia havia produtos para serem entregues em dois mercados e uma retirada para ser feita em uma transportadora. O trabalho de entrega se mostrou algo que demanda um certo tempo, o primeiro obstáculo é o engarrafamento, comum na região da sede da Central, o segundo é o tempo de espera nas docas dos mercados, há sempre uma fila de fornecedores com entregas a serem feitas, além do aspecto burocrático de recebimento de notas fiscais. Nesse dia o engarrafamento usual estava presente, ao chegarmos no primeiro mercado foi encontrado um problema no ICMS da nota, então uma nova nota precisava ser emitida para que a entrega pudesse ser feita, fomos a caminho do segundo mercado. Em seguida realizamos a retirada das castanhas-de-pequi em uma transportadora no SIA. No segundo mercado conseguimos fazer a

entrega bem em cima do tempo, pois as docas fecham todas ao meio-dia para o horário do almoço.

Enquanto o enfoque da semana anterior na Central era a organização dos eventos essa segunda semana foi marcada pela ausência do licuri. O licuri é uma palmeira da Caatinga que produz um coco, dentro desse coco encontramos a castanha de licuri, a castanha de licuri é um dos ingredientes do Mix de Castanhas da Central do Cerrado. Havia um pedido de 1500 unidades do Mix de Castanhas de 50g, que já estava com o atraso de uma semana na entrega, isso porque o licuri, um dos ingredientes do Mix de Castanha, também estava com atraso na entrega pela transportadora. A ansiedade em relação ao licuri era tamanha que algumas vezes eu chegava na Central e a pergunta que saía lá de dentro era “é o licuri?”. O licuri havia enfim chegado e iniciamos assim o processo de envasamento do Mix de Castanha para que ele pudesse ser entregue ainda na sexta-feira daquela semana.

Figura 18 – Degustação de produtos da Central do Cerrado em mercado de varejo



Fonte: a autora

No final dessa segunda semana realizamos uma segunda degustação, dessa vez em uma unidade maior do mercado. Estavam presentes mais pessoas da Central, sendo dessa vez Luís, secretário executivo da Central do Cerrado, Geovana, promotora comercial, Carol, responsável pelas mídias sociais, também o Denis e Lelé. Nessa degustação foram servidos os sanduiches de pesto de baru e pasta de pequi, também os salgados da Central e sucos, além das geleias, pastas, pestos e doce de umbu. Nessa degustação estavam expostos outros produtos que iam ser inseridos

no catálogo do mercado. Depois da degustação eu e Luís voltamos para a Central para pegar os Mix de Castanhas que foram entregues à Fundação Banco do Brasil no CCBB.

### **5.3: As cooperativas, o cooperativismo e o capital**

Apesar de o cooperativismo ter sofrido historicamente um enfraquecimento considerável dos seus valores como movimento social, os princípios de Rockdale são ainda evocados pelo seu caráter social e comunitário. Loureiro (1981) aponta como as organizações cooperativistas tem se tornado ferramentas do sistema econômico para reforço das desigualdades e manutenção de lógicas de mercado exploradoras e excludentes, porém na COPABASE e na Central do Cerrado foi possível perceber como o cooperativismo foi utilizado para reforçar valores de grupo e estabelecer uma rede de valorização do Cerrado, nesses casos a cooperativa foi utilizada como ferramenta para fortalecer uma outra lógica de produção.

A partir da vivência etnográfica nas cooperativas foi possível perceber que além do uso da cooperativa como forma de organização, ela se tornou principalmente uma ferramenta para o compartilhamento de valores, não apenas nas relações entre agricultores e cooperados, mas presente também nas práticas diárias das cooperativas, onde inclusive alguns funcionários possuem ligação direta com as pautas que movem as cooperativas e sua perspectiva de relações produtivas. Esse aspecto se apresentou de forma mais nítida nos modos de produção aplicados pelos agricultores na COPABASE e no fato de que a Central de Cerrado articula uma rede de dezenas de cooperativas, além de diversas organizações, que trabalham para a preservação do Cerrado a partir do estabelecimento de formas alternativas de produção alimentar. Ou seja, ambas as organizações estão pautadas em aspectos além dos econômicos, a questão social, política e ambiental são pontos fundamentais para a lógica de funcionamento dessas cooperativas, que conseguiram criar assim uma rede de pessoas e instituições com um objetivo social claro e definido.

A cadeia dos produtos se mostra outro aspecto fundamental. A partir da inserção dos produtos no mercado pelas cooperativas as barreiras impostas sobre os estrativistas e agricultores são reduzidas significativamente, a cooperativa se torna responsável por garantir as soluções às questões burocráticas e estruturais necessárias para a produção e distribuição alimentar. Esse aspecto das cooperativas faz com que seja intrínseco aos funcionários o contato com o processo produtivo e com os produtores. Como disse o Lelé “nossos clientes compram histórias”, mas essa

história está presente em cada um dos produtos porque a cadeia é reduzida e o contato com os produtores se faz presente.

Os valores compartilhados nas cooperativas pautam de forma significativa sua posição em relação ao sistema econômico quando observamos também sua relação com o meio ambiente. Visto que a exploração do capital não se dá apenas na relação homem-homem, mas também na relação homem-natureza, a partir de uma outra lógica produtiva onde o Cerrado é reconhecido como meio ambiente a ser respeitado, valorizado e preservado podemos perceber ali uma prática anticapitalista (Lowy, 2014). Especialmente quando comparamos com o modelo produtivo que vem sendo utilizado na região desde a metade do século XX, pautado em uma lógica de pura exploração, matando pouco a pouco a diversidade presente no Cerrado, processo esse que tem se acelerado cada vez mais com o avanço de tecnologias predatórias e expansão para o território do MATOPIBA, subjugando não apenas o meio, mas também Povos e comunidades que encontram na sua biodiversidade suas práticas e formas de manter seu modo de vida

O extrativismo apresenta nesse contexto uma característica específica, através dele podemos observar de forma mais clara uma oposição ao modelo de produção hegemônico. Pois nessa prática se encontram questões ligadas a diversidade, relação com o meio e consumo alimentar. A diversidade se apresenta através da característica intrínseca de ser uma forma produtiva alternativa ao modelo defendido como superior, além de apresentar uma forma de diversificação de fonte de renda aos produtores que realizam diversas práticas produtivas concomitantemente (Sahlins, 2017). A relação com o meio se dá a partir de uma lógica própria do extrativismo onde é necessário o conhecimento prévio dos ciclos biológicos e das práticas de manejo (Melo, 2013). E por fim a questão do consumo alimentar pois possibilita uma alternativa aos alimentos categorizados como convencionais, garantindo assim uma maior variabilidade alimentar (Liberalesso, 2019).

A partir do momento que Sahlins afirma que o modo de produção extrativista já representa um homem não econômico podemos identificar na produção desses alimentos uma prática que se opõe as concepções hegemônicas do pensamento econômico, logo da lógica do capital. Sendo assim um modelo de produção que se opõe diretamente ao mercado atual.

Portanto, argumentar que as cooperativas se tornaram meras extensões do sistema capitalista é simplificar excessivamente a realidade. Embora as pressões do mercado exijam adaptações, muitas cooperativas conseguem preservar e até fortalecer seus princípios originais

através de práticas inovadoras e um forte senso de comunidade. No caso dessas cooperativas esse aspecto se mostrou mais claro nas relações entre agricultores e cooperados, que buscam a manutenção do seu modo de vida em um ambiente hostilizado.

Com a presença desses produtos no mercado, até mesmo a nível internacional, as cooperativas demonstram que é possível, dentro do próprio sistema, desenvolver alternativas para a garantia de uma resistência econômica que não apenas desafia o status quo, mas também oferece um caminho viável para um futuro mais justo e sustentável. Em resumo, as cooperativas, ao reafirmarem seus valores fundamentais na prática diária, não só resistem às tendências dominantes do capitalismo, mas também sinalizam a possibilidade de uma transformação mais ampla na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cerrado é hoje o bioma com as maiores taxas de desmatamento no país, posto alcançado a partir da exploração que ele vem sofrendo nos últimos 50 anos pelo agronegócio. Com uma biodiversidade imensa e responsável pela segurança hídrica do país se mostra clara a necessidade de uma mudança nas relações produtivas que possuímos com esse meio. O extrativismo e o cooperativismo apresentam assim formas de resistência ambiental e social.

Observando as cooperativas ligadas à promoção de produtos oriundos do Cerrado é possível perceber uma orientação mais definida nesse sentido. Elas têm desempenhado um papel vital como alternativa econômica que buscam conciliar a necessidade de sustentabilidade comercial com os ideais de equidade e justiça social. Realizando a manutenção dos princípios cooperativistas, não apenas para proporcionar resistência no contexto extremamente competitivo do capitalismo, mas também para forjar uma base sólida para a construção de comunidades sustentáveis e autossuficientes. Isso através de uma rede construída por diferentes agentes, além da necessidade do apoio estatal, a presença de ONGs nacionais e internacionais, grupos políticos e comunidades tradicionais, contando também com a colaboração entre diferentes cooperativas de diversos territórios.

Sahlins (2017) apresenta uma nova proposta de pressupostos econômicos, demonstrando que diferentes formas de produção foram marginalizadas e diminuídas em razão de uma única abordagem econômica que privilegiava a produção agrícola. Quando observamos a diversidade do modo produtivo presente nessas cooperativas, que realizam diferentes práticas, podemos perceber seu caráter fundamental. É através do extrativismo que o baru, um dos principais produtos da COPABASE é coletado, a pasta de pequi produzida pela Central do Cerrado se origina da mesma forma. Essa outra lógica produtiva dita valores significativos presentes, como a relação com o meio ambiente, no respeito da sazonalidade e nas práticas de manejo, e nos valores compartilhados entre os agricultores, que encontram nesse modo de produção uma forma de diversificação de renda e consequentemente a manutenção do seu modo de vida.

Apesar de Loureiro (1981) apontar fortemente para o enfraquecimento que o cooperativismo tem sofrido historicamente ele demonstrou nesses casos ter sido utilizado para diferentes objetivos econômicos e sociais, a COPABASE e a Central do Cerrado apontam para uma perspectiva mais otimista sobre as suas possibilidades e configurações nesse modo de

organização, demonstrando que desde que os valores dos grupos sejam claros e definidos e compartilhados de forma ampla pelos cooperados e seus funcionários diferentes perspectivas econômicas podem utilizar a cooperativa como ferramenta de resistência. Além disso, a realidade dessas cooperativas mostra que, apesar dos desafios, muitas continuam comprometidas com seus valores fundadores. Nessas comunidades a cooperativa não é apenas um meio de comercialização de produtos, mas um espaço de construção de identidade e resistência. O conhecimento profundo sobre a origem e o processo produtivo de cada item, compartilhado por todos os membros, reforça um compromisso com a transparência e a sustentabilidade que transcende a lógica de mercado tradicional.

Essa consciência coletiva se estende ao reconhecimento de que as práticas cooperativistas são também práticas de resistência contra o modelo de vida urbano-capitalista. O discurso crítico adotado pelos cooperados reflete uma rejeição deliberada dos valores consumistas e individualistas, favorecendo em seu lugar um modo de vida baseado na colaboração, sustentabilidade e bem-estar coletivo. Além disso, a interação direta e sem intermediários nas etapas de produção e distribuição fortalece o controle comunitário e a autonomia, permitindo que os agricultores mantenham seu modo de vida sem se submeterem totalmente às forças de mercado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Eliseu et al. **Três problemas da agricultura brasileira: a Concentração da Renda Bruta, o Excedente Exportável e o Consumo Interno de Alimentos**. Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, v. 15, n. 1, p. 27-34, 2018.

BOOKCHIN, Murray. **Ecologia y pensamiento libertário**. Difusora Virtual Libertad, traducción: Eleuterio Ácrata, 1964. Disponível em: <https://es.theanarchistlibrary.org/library/murray-bookchin-ecologia-y-pensamiento-revolucionario>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CARNEIRO FILHO, Arnaldo; COSTA, Karine. **A expansão da soja no cerrado. Caminhos para a ocupação territorial, uso do solo e produção sustentável**. São Paulo: Agroicone, 2016. p. 1-30.

CHASE, Jacquelyn. **Regional prestige: Cooperatives and agroindustrial identity in southwest Goiás, Brazil**. Agriculture and Human Values, v. 20, p. 37-51, 2003.

COLE, George. DH: **A Century of Co-operation**. 1944.

COPABASE. Cooperativa Regional de Base na Agricultura Familiar e Extrativismo. **ESTATUTO ALTERADO E CONSOLIDADO**. Arinos, 2020.

COSTA, Luciano de S. **O cooperativismo: uma reflexão teórica**. Revista Ciências Sociais em Perspectiva, v. 6, n. 11, p. 55-64, 2007.

DESROCHERS, Pierre; HOFFBAUER, Christine. **The post war intellectual roots of the population bomb**. Fairfield Osborn's 'Our Plundered Planet' and William Vogt's 'Road to Survival' in retrospect. The Electronic Journal of Sustainable Development, v. 1, n. 3, p. 73, 2009.

FAIRBAIRN, Brett. **The meaning of Rochdale: The Rochdale pioneers and the co-operative principles**. 1994.

FERRI, Mário Guimarães; GOODLAND, Robert JA; AMADO, Eugênio. **Ecologia do cerrado**. 1979.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. **World Outlook and State of Food and Agriculture**. Washington, D. C., 1950.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2023**. Rome: FAO, 2023. Disponível em: <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cb4978en/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

FREDERICO, Samuel. **As cidades do agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira**. Caderno Prudentino de Geografia, v. 1, n. 33, p. 5-23, 2011.

GERMER, Claus. **A economia solidária: uma crítica marxista**. In: GEDIEL, José Antônio Peres. Revista de Estudos de Direito Cooperativo e Cidadania, v. 1. Faculdade de Direito, Programa de Pós Graduação em Direito–UFPR, 2005. p. 51-73.

IBGE. **BIOMAS CONTINENTAIS DO BRASIL**. 2009.

IBGE. **Brasil – Uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IBGE. **Biomass e sistema costeiro-marinho do Brasil: compatível com a escala 1: 250 000**. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE. **Contas de Ecossistemas: O uso da Terra nos Biomas Brasileiros: 2000–2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

JACQUES, Ana Paula Caetano. **Do mato ao prato: potencialidades dos produtos da sociobiodiversidade do Cerrado no contexto da nova gastronomia brasileira**. 2021.

LAMBERT, Paul. **Studies in the social philosophy of cooperation**. 1963.

LIBERALESSO, Andréia Maria. **O futuro da alimentação está nas plantas alimentícias não convencionais (PANC)?** 2019.

LIMA, J. E. F. W.; SILVA, E. M. da. **Estimativa da contribuição hídrica superficial do Cerrado para as grandes regiões hidrográficas brasileiras**. In: Simpósio brasileiro de recursos hídricos, 17., 2007.

LISBOA, Flávio. **A contribuição de Robert Owen ao pensamento econômico de Paul Singer: conexões do socialismo utópico com a economia solidária**. P2P e Inovação, v. 9, p. 24-39, 2023.

LOUREIRO, Maria Rita Garcia (Org.). **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

MICHAEL, Löwy. **Ecossocialismo. La alternativa radical a la catástrofe ecológica capitalista**. 2014.

MAPA, Agrostat. **Balança Comercial do Agronegócio– Série Histórica**, 2024. Gráfico. Disponível em: <https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Agrostat/Agrostat.html>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MAPBIOMAS. **RAD2023: Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2023**. São Paulo: MapBiomass, 2024. 154 p. Disponível em: <http://alerta.mapbiomas.org>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MELO, Sued Wilma Caldas. **Extrativismo vegetal como estratégia de desenvolvimento rural no Cerrado**. 2013.

MITTERMEIER, R. A. et al. **Hotspots Revisited: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions.** *Angewandte Chemie, International Edition*, v. 6, n. 11, p. 951-952, 2004.

MOREIRA, Roberto José. **Críticas ambientalistas à revolução verde.** Estudos Sociedade e Agricultura, 2000.

MYERS, Norman. **Threatened biotas: "hot spots" in tropical forests.** *Environmentalist*, v. 8, n. 3, p. 187-208, 1988.

OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras. **Anuário do cooperativismo 2023.** Brasília: OCB, 2023.

PARREIRAS, Taya Cristo; BOLFE, E. L. **Expansão e intensificação da agropecuária no Cerrado.** 2023.

RUDORFF, Bernardo; RISSO, Joel. **Análise Geoespacial da expansão da soja no bioma Cerrado 2000/01 a 2021/22: Uma atualização e reanálise com o novo limite do bioma.** 2022.

SAHLINS, Marshall. **Stone age economics.** Londres: Routledge Classics, 2017.

SANO, Sueli M.; RIBEIRO, José F.; DE BRITO, M. A. **Baru: biologia e uso.** 2004.

SILVA, C. E. M. **Os cerrados e a sustentabilidade: territorialidades em tensão.** Tese (Doutorado em Ordenamento Territorial e Ambiental) – Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2006.

SILVA, José Adailton Barroso et al. **Teorias demográficas e o crescimento populacional no mundo.** Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT-SERGIPE, v. 2, n. 3, p. 113-124, 2015.

TEIXEIRA, Leile Silvia Candido. **A fome na reprodução do capital: uma análise do alimento-mercadoria.** *Revista Katálysis*, v. 25, p. 449-458, 2022.

ZAMBENEDETTI, Lidiane et al. **Revolução Verde: história e impactos no desenvolvimento agrícola.** In: *Agricultura e Agroindústria no Contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável.* Editora Científica Digital, 2021. p. 370-377.